

## 4 Conteúdo e apresentação gráfica do *Jornal do Brasil*

As grandes transformações científicas e tecnológicas que marcaram o século XIX tiveram como principal agente o desenvolvimento da eletricidade e dos derivados do petróleo. Esses avanços permitiram outros nas áreas da microbiologia, bacteriologia e bioquímica, dos quais resultaram conquistas importantes na farmacologia, na medicina e na higiene. A consequência foi à possibilidade de um maior controle das moléstias e o aumento da expectativa de vida da população. O maior impacto desse processo se fez sentir nos grandes centros urbanos durante a *Belle Époque*<sup>1</sup>. No Brasil, foi no Rio de Janeiro, capital da República, sua maior cidade e cartão de visita do país onde ficava o maior porto, que o impacto dessas transformações se fez sentir mais fortemente, transformando também as relações sociais da população urbana e impondo novos padrões de consumo. Modelo para todo o país, tudo o que acontecia na capital era irradiado para os outros estados, como afirma Sevcenko:

O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, telefone, os meios de transporte movidos a derivados de petróleo, a aviação, a imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema intensificaram esse papel da capital da República, tornando-a eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação em território brasileiro (Sevcenko, 1998: 522).

A instabilidade política dessa época acabou impactando diretamente sobre a situação da imprensa. Ainda na última década do século XIX, a repressão imposta à imprensa pela ditadura, implantada durante os primeiros anos que sucederam à Proclamação da República, estivera na origem do fechamento de muitos periódicos ou em sua transformação. Para sobreviverem muitos periódicos adotaram outra linha editorial. Foi o caso do *Jornal do Brasil* que, fechado em 1893, reabriu em 1894 com outra roupagem, passando a destacar problemas

---

<sup>1</sup> *Belle Époque* é nome dado ao período que vai do início do século XX até a Primeira Guerra Mundial e que foi marcado por uma sucessão frenética de novidades (Sevcenko, 1998: 9).

urbanos do interesse imediato da população, com ênfase nas reivindicações - ganharam imenso destaque na seção “Queixas do Povo” (Silva, 1988) - e nas notícias policiais.

A mudança na linha editorial do *Jornal do Brasil* influenciou nas transformações gráficas que se lhe seguiram. O jornal, que dedicava espaço privilegiado para textos literários rebuscados, passou a dar destaque às matérias noticiosas, redigidas de forma mais sucinta e direta. Outro aspecto inovador foi a valorização do projeto gráfico. A primeira modificação ficou por conta do maior realce dado aos títulos das seções fixas e aos intertítulos que davam mais dinamismo à leitura de notícias extensas (**figura 38**). Muitas das seções passaram a ser ilustradas. O uso da imagem, aliás, colaborou enormemente para a nova apresentação gráfica do *Jornal do Brasil* e passou a ser parte importante da edição. Numa época em que o processo de produção dos clichês ainda era muito caro e que poucos periódicos podiam publicá-los com tanta exuberância em relação à periodicidade, tamanho e quantidade, as edições de domingo do *Jornal do Brasil* eram abundantemente ilustradas. Para Velloso, no início do século XX, “ilustração, cores, visualidade e beleza aparecem como sinônimos de modernidade”. (Velloso, 1996: 58). As páginas compostas, antes apenas ocupadas pelo texto corrido, ficaram mais bonitas e arejadas. Ao lado disso, algumas seções surgiram ou ganharam maior destaque como, por exemplo, as dedicadas aos esportes, à moda, ao rádio, ao cinema, às charges e às caricaturas.

Com a maior oferta de mercadorias e de serviços, a publicidade também ganhou espaço nas páginas do jornal. Um dos colaboradores do *Jornal do Brasil*, Eunapio Deiró, analisa com bastante lucidez o papel que a publicidade desempenhava no mundo moderno:

Ora, a publicidade, conforme a sua maior ou menor extensão, é o meio seguro de apreciar o grau de desenvolvimento intelectual de uma população, a afeição de sua curiosidade, os seus gostos, costumes, tendências e aspirações [...] Eunapio Deiró (*Jornal do Brasil*, 15/11/1908: 7).

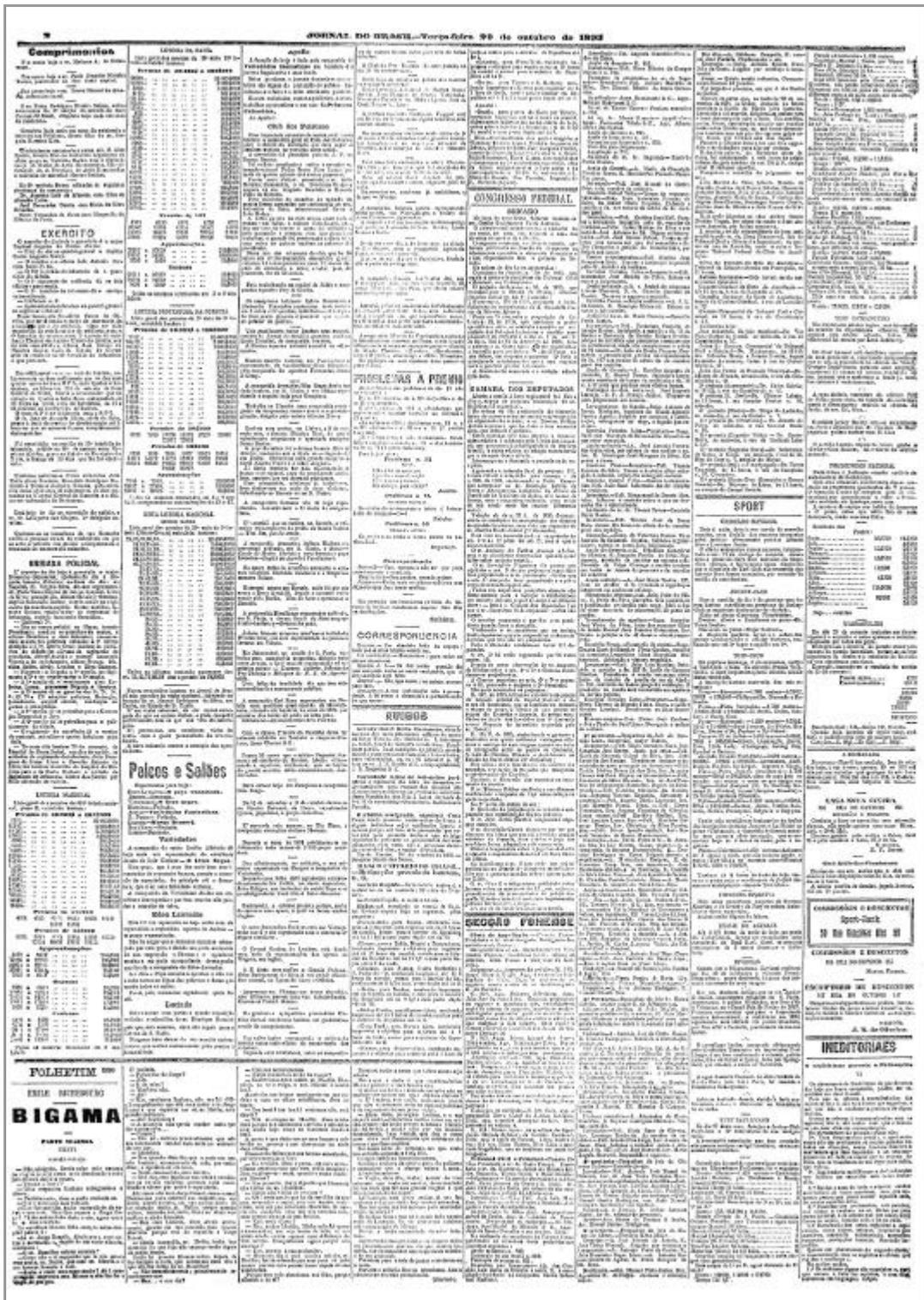


Figura 38 – Com nova linha editorial os títulos de seções fixas ganharam maior realce e os intertítulos foram utilizados com maior freqüência.

Reflexões como essa demonstram o quanto havia de consciência sobre a realidade contemporânea por parte dos editores do jornal. De fato, com todas essas transformações, seus editores tinham por objetivo fazer do *Jornal do Brasil* um jornal moderno, inspirado no que havia de melhor nos Estados Unidos e na Europa e que fosse, ao mesmo tempo, popular, porta-voz das opiniões e expectativas da população. Tal intenção foi expressa no editorial do dia 01 de janeiro de 1902:

[...] Da ponderação de todas estas razões nasceu a atual fase do Jornal do Brasil, seleção inteligente dos vários sistemas e tipos do jornalismo europeu e americano adaptados ao meio brasileiro.

Da imprensa britânica aproveitou a honorabilidade e o escrúpulo que presidem a organização do seu noticiário; da imprensa francesa, o seu efeito leve e atraente; da imprensa norte-americana a preocupação de informar minuciosamente o público de todas as ocorrências nacionais e estrangeiras.

Nestes dois ramos de atividade; informação local e serviço telegráfico do interior e do estrangeiro, o Jornal do Brasil ocupa indiscutivelmente o primeiro lugar (Jornal do Brasil, 01/01/1902, capa).

#### **4.1 Modernidade, caricaturas e suas implicações gráficas no Jornal do Brasil**

O início do século XX, com todas as suas novidades, foi um período de transformações que nem sempre foram compreendidas ou aceitas pela população. Esta situação era o contexto perfeito para se fazer humor na imprensa, principalmente através de charges e caricaturas, meios de comunicação facilmente compreendidos pelo povo. Segundo Mônica Pimenta Velloso, o humor foi uma característica expressiva da modernidade carioca da *Belle Époque*. Sua linguagem era assimilada com sucesso pelo crescente público urbano cada vez mais ávido por informações e por novidades. (Velloso, 1996: 108 e 112).

O primeiro caricaturista contratado pelo *Jornal do Brasil* foi o ilustrador português Celso Hermínio, que veio de seu país em 1898, exclusivamente para trabalhar no jornal. A edição de domingo, 9 de janeiro de 1898, foi especialmente dedicada a apresentar aos leitores a arte de Hermínio. A capa da edição foi totalmente ilustrada por caricaturas que, parodiando as revistas teatrais, sob o título “Revista Humorística”, satirizavam os principais acontecimentos do ano de



Para apresentar seu novo contratado, o próprio Fernando Mendes de Almeida sócio-proprietário do jornal, escreveu as colunas que ocupam as extremidades laterais da capa. O editor, naturalmente, não economiza elogios:

Por minha parte asseguro que o lápis de Celso Hermínio tem as precisas energias de inspiração, de independência e de humorismo indispensáveis para o meio em que vai exercer a sua atividade, e no Brasil não regateiam aplausos ao mérito, ao trabalho, à perseverança.

No texto citado, Fernando Mendes de Almeida, além de apresentar Hermínio, contextualizou a história das artes gráficas no Rio de Janeiro, abordando quem foram os principais artistas gráficos e as revistas ilustradas para as quais trabalharam. Por seu caráter histórico e por se tratar da visão de um letrado que viveu nesta época, vale ilustrar essa pesquisa com a reprodução do trecho, por extenso:

Não é fácil, como pode por ventura parecer a quem não conhece muito o meio artístico no Rio de Janeiro, agradar ao público, bem habituado ali a boa e a inteligente caricatura.

Verdadeiros mestres têm por ali passado e lá vivem, cercados de prestígio que dão o talento e a graça, tão necessários à arte de que nos ocupamos.

J. Mill, Fleiuss, Borgomainerio, Raphael Bordalo Pinheiro, Pereira Netto, Belmiro, Julião Machado e Ângelo Agostini, para só falar dos artistas, bastam para a demonstração imediata de que afirmei acima.

Ângelo Agostini é o nosso mais apreciado e espirituoso desenhador de caricaturas. De uma pungente e mordaz ironia são todos os seus libelos políticos e os seus quadros de costumes; e o desenho tem a correção implacável que o faz ser tão aplaudido.

Desde 1896 que o *Cabrion*, em S. Paulo, no *Mosquito*, na *Revista Ilustrada* e no *Dom Quixote*, no Rio de Janeiro, Ângelo Agostini conquista semanalmente a admiração pública, ávida sempre pelo número que vem, guardando religiosamente o número anterior.

E se não fossem ligeiros desfalecimentos que dificultam a regularidade das publicações que dirige o emérito artista, cansaço natural talvez de uma inteligência que se tem exercitado tanto Ângelo poderia ser considerado uma dos modelos dos caricaturistas...que trabalham...

Julião Machado é sobejamente conhecido de Lisboa; o sucesso da finada *Cigarra* e da *Bruxa*, ininterruptamente afirmando desde que aquela iniciou a sua publicação até hoje, é prova inconcussa de que a fama do artista português foi confirmada no Brasil, onde ele conta francos admiradores.

Belmiro de Almeida é mais pintor do que caricaturista. Todavia os seus retratos humorísticos, publicados na *Gazeta de Notícias* e em colaborações esparsas em

folhas ilustradas, têm tido aceitação, embora não sejam esses trabalhos frequentes e se ressintam por isso da falta de prática do gênero.

Pereira Netto, discípulo e sucessor de Ângelo Agostini da *Revista Illustrada*, já tem estilo próprio, mas ainda se ressentem muito da maneira de Ângelo. É felicíssimo nos retratos e será ardentemente um excelente caricaturista, quando abandonar de todo a tradição do mestre, o qual até hoje não teve êmulos pelo estilo especial que o distingue de todos.

Pereira Netto tem muito talento e trabalha.

J. Mill, no *Bazar Volante*, e Fleiuss, na *Semana Illustrada*, foram astros de segunda grandeza e dos quais só se lembram os que cultivaram o gênero ou estudam os seus cultores.

De Raphael Bordallo Pinheiro o que disse que o não saibam portugueses! O fino humorista permanece sempre na memória dos que tiveram o prazer de ver o *Besouro* e que acompanharam depois os triunfos retumbantes do Antonio Mario.

O estilo de Bordalo, porém, não agradou muito no Brasil. Habitados ao desenho e à sátira de Ângelo Agostini, não podia muita gente acostumar-se as *fiorituras* de Raphael e às caprichosas divagações do seu lápis travesso. Mas mérito ninguém lhe o negava; e não foi por falta dele que Bordallo Pinheiro deixou o Brasil.

Borgomainerio, o pranteado e fino italiano, deixou no Rio de Janeiro um rastro cintilante de astro de primeira grandeza. As páginas em que ele firmou impressos a sua alma de artista e o seu talento de crítico perduraram nas coleções dos amadores e dos profissionais, como fontes preciosas de inspiração e modelos aproveitáveis e aproveitados. Borgomainerio deixou profundas saudades como homem e como artista, e desde então não possuímos um sucessor da sua *maneira*, do seu estilo.

Esse texto registra a visão de um intelectual que acompanhou de perto a produção dessas ilustrações. São informações interessantes ainda que, por se tratar do proprietário do jornal, sua visão possa ter sido direcionada ou mesmo influenciada por seus interesses comerciais. É importante observar através de seus comentários a percepção do caráter moderno e inovador dessa arte.

A princípio, a publicação das caricaturas de Celso Hermínio era semanal; porém, seu sucesso foi tamanho que ela logo se tornou diária, permanecendo assim até meados dos anos 1910. Ao longo desse período, outros caricaturistas e ilustradores famosos passaram a colaborar nas edições: L. Amaral, Plácido Isasi, Julião Machado, Bambino, Amaro, Raul Pederneiras e Luiz Peixoto. Essas imagens faziam toda a diferença num período em que os jornais diários eram compostos praticamente só por textos e que as limitações técnicas não permitiam grandes alterações gráficas na estrutura das páginas. Através das ilustrações era possível realizar experimentos inovadores para os padrões daquele tempo. Segundo Nery, “as charges davam prestígio aos jornais, que, por sua vez, ampliavam mais e mais o espaço dado aos desenhistas”, isso ocorria já que a

ilustração era um meio de comunicação muito mais amplo que a letra e atingia todo o heterogêneo público leitor do jornal diário (Nery, 2000: 46).

A edição do dia 15 de janeiro de 1902, por exemplo, traz, na capa, um desenho de Julião Machado, intitulado “A questão do lixo”. A charge é dividida em dois quadros, um acima do outro, porém com o texto ultrapassando as linhas que os separam. O desenho associava os quadros, pois um era complemento do outro, com o lixo do quadro de cima sendo jogado no debaixo. Outras ousadias do gênero foram experimentadas dentro das limitações impostas pelo clichê, bem inferior às litografias coloridas que eram publicadas nas revistas ilustradas. Além disso, havia as limitações do papel jornal, que por ser poroso absorvia muito a tinta de impressão. Desenhos excessivamente detalhados poderiam se transformar em borrões. Nessa época, a criação era feita a nanquim e, posteriormente, o gravador, Cardoso, que trabalhava nas oficinas do jornal, a reproduzia em clichê de zinco. Quando o processo de produção de clichês passou a ser fotográfico, deixou de ser necessária a intermediação do profissional especializado em fazer o clichê fiel ao desenho original, como era praxe no século XIX. Mesmo sendo publicada frequentemente, a caricatura perdeu um pouco de sua força nos anos de 1910; a partir da década seguinte, passou a compor a capa das edições de quinta-feira e de domingo. Em meados da década de 1930, sofreu nova interrupção e, no início dos anos 1940, passou a ser publicada somente aos domingos e, depois dessa última fase, desapareceu de vez das páginas do *Jornal do Brasil*.

É relevante fazer um breve relato sobre os principais caricaturistas do *Jornal do Brasil*, visto que foram importantes na história da imprensa nacional, colaboraram em diversos outros periódicos da época e, muitas vezes, eram os responsáveis pela apresentação gráfica dos mesmos.

Cabe dar início a esse relato com Julião Machado, já que para Herman Lima sua importância como ilustrador no começo do século XX era a mesma que teve Ângelo Agostini anteriormente e J. Carlos nas décadas seguintes. Julião Machado, que assinava também JM e Casimiro Miragy, foi o primeiro a ter destaque no *Jornal do Brasil*, colaborou efetivamente desde 1899, deu início à criação de charges sobre os acontecimentos do momento e obteve grande sucesso com sua seção “Figuras, figurinhas e figurões”. Acredita-se que o *Jornal do Brasil* verdadeiramente iniciou a publicação de charges das atualidades urbanas com Julião, através de suas ironias sobre os aspectos e costumes locais (**figura 40 a**

44). Julião se destacou por suas “críticas psicológicas” assim chamadas por Herman Lima, em que traduzia em seus desenhos muito mais do que somente a deformação física dos personagens. Além disso, fundou e atuou nas revistas ilustradas *A Cigarra* e *A Bruxa*, que foram importantes por estimular o surto moderno da imprensa ilustrada nacional, já que sua apresentação gráfica não deixava a desejar se comparadas às melhores revistas européias. Segundo Lustosa, Julião Machado inaugurou a era da caricatura a traço na imprensa brasileira e impôs um estilo mais sintético e elaborado. Uma característica marcante de seu trabalho foi o cuidado no uso dos recursos gráficos de acabamento e o capricho com o fundo, com o detalhe (Lustosa, 1993: 95-7). Retornando à sua atuação no *Jornal do Brasil*, além da publicação freqüente de charges, o periódico divulgava que Julião era seu redator artístico. Essa afirmação nos leva a crer que o artista, além de criar as ilustrações, participava da definição da visualidade das páginas do jornal. De posse das informações de que Julião Machado já havia colaborado na apresentação gráfica da *Notícia Ilustrada* (suplemento da *Gazeta de Notícias*) e de suas revistas ilustradas *A Cigarra* e *a Bruxa*, essa suposição se torna coerente (Lima, 1963: 964, 969-72 e 980).

Sob a influência de Julião outro importante ilustrador para a história da caricatura brasileira iniciou sua carreira: Raul Pederneiras. Este era poeta, cronista, homem de teatro, jornalista militante, professor de Direito e de Belas-artes. Com Raul a caricatura se nacionalizou, segundo Herman Lima, visto que anteriormente todos os artistas de destaque na imprensa nacional eram estrangeiros (Lima, 1963: 1012). Raul colaborou na *Revista da Semana* durante toda a primeira metade do século XX e praticamente durante todo o período em que o *Jornal do Brasil* publicou caricaturas e charges. Os temas que inspiravam suas caricaturas eram especialmente as questões culturais, sociais, políticas e econômicas do Rio de Janeiro.



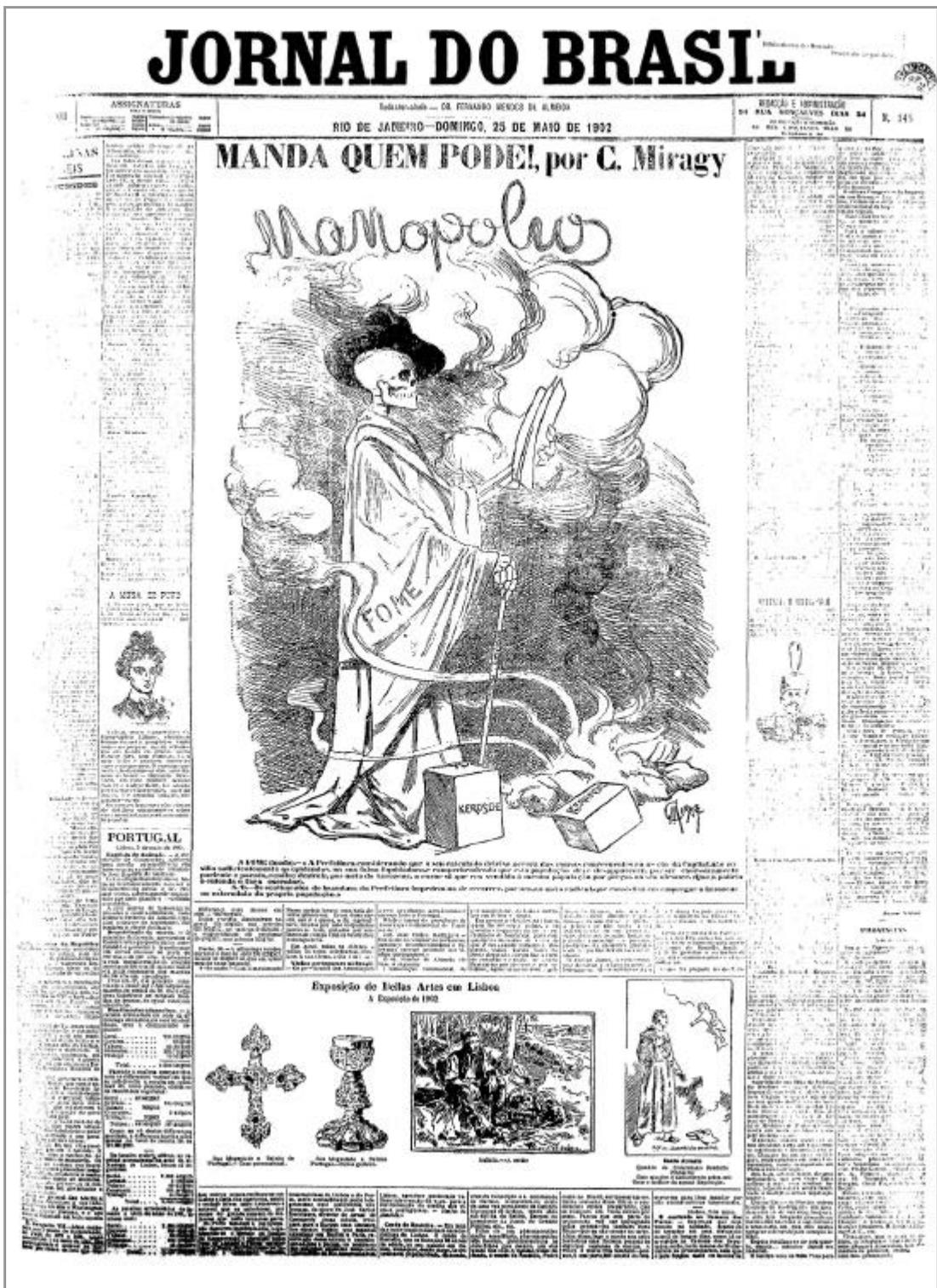


Figura 41 – Ilustrações de Julião Machado.





Figura 43 – Ilustrações de Julião Machado.

EDIÇÃO MANHÃ **JORNAL DO BRASIL** EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO—TERÇA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1902

13 DE MAIO

AGUSTO SEVERO

VISCONDE DO RIO BRANCO

A GRANDE DATA

O XARQUE

NA ESCOLA DA TABOEIRA

OS NEGÓCIOS DE PORTUGAL

OS NEGÓCIOS DE PORTUGAL

Pelo "Clyde"

OS NOSSOS INDEPENDENTES

A NOSSA ESCOLA DA TABOEIRA

INCIDENTES INTERESSANTES

O MELHOR DISCURSO

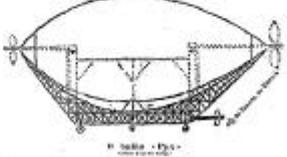
O negociante Mallo e Souza

NO PORTO

Distúrbios e manifestações

NA ESCOLA DA TABOEIRA




The image shows a page from the newspaper 'Jornal do Brasil' dated May 13, 1902. The page is filled with text and several illustrations. At the top, the newspaper's name and date are prominently displayed. The main headline is '13 DE MAIO'. Below this, there are several columns of text. On the left side, there is a large illustration of a woman in a long dress holding a banner that says 'REPÚBLICA'. In the center, there is a portrait of a man with a mustache, identified as 'AGUSTO SEVERO'. To the right of the portrait, there is another illustration of a statue on a pedestal, identified as 'VISCONDE DO RIO BRANCO'. Below the portrait of Severo, there is an illustration of a boat. On the far right, there is a large section titled 'SUCESSOS EM PORTUGAL' with a sub-headline 'Pelo "Clyde"'. This section contains several columns of text and a small illustration of a boat. The page is densely packed with news and commentary.

Figura 44 – Ilustração de Julião Machado.

Os novos valores da sociedade, os problemas relacionados à infra-estrutura urbana e às novidades que chegavam à capital da República foram o mote de muitas de suas criações (**figuras 45 a 47**). Era perito em representar os mais variados tipos encontrados nas ruas da capital federal, tais como: ambulantes, criados, mascates, doceiros, malandros e outros (**figuras 48 e 49**). Influenciou os jovens Artur Lucas, Amaro Amaral e Luiz Peixoto, os quais também foram colaboradores do *Jornal do Brasil*, porém por períodos mais curtos em relação à sua extensa atuação. Raul notabilizou-se pela seção em que publicava charges acerca dos diversos aspectos da capital, intitulada “Cenas da Vida Carioca”, posteriormente, organizada em uma publicação (**figuras 50 e 51**).

O ilustrador Artur Lucas, que assinava com o pseudônimo Bambino, colaborou para diversos impressos durante sua carreira; entretanto, considera-se que sua afirmação como caricaturista ocorreu quando trabalhou junto a Julião, Raul e Calixto no *Mercúrio*, revista ilustrada, no final do século XIX. Iniciou sua colaboração no *Jornal do Brasil* em 1899 e na *Revista da Semana* logo que esta passou a pertencer ao *Jornal do Brasil*. Foi brilhante desenhista da vida cotidiana da época e comentarista do traço de importantes acontecimentos do início do século XX, como a Guerra Russo-Japonesa, as polêmicas geradas pela campanha de vacinação obrigatória, a reforma urbana da capital brasileira, os diversos acontecimentos e peculiaridades da vida política durante a Primeira República (**figuras 52 a 55**). Ainda no *Jornal do Brasil*, assinava as “Notas da Semana” que eram geralmente publicadas na capa, sob a forma de quadros que satirizaram os principais acontecimentos da semana (**figuras 56 e 57**) (Camargo, 2003: 48; Sodré, 1999: 346). Criou as ilustrações dos personagens de João Foca (João Batista Coelho), “Sô Lotero” e “Nhá Ofrásia”, que fizeram sucesso por anos. As aventuras dessa dupla caipira começaram a ser publicadas em 1903 no *Jornal do Brasil*; depois atuaram na revista teatral *O Maxixe*, que era do próprio João Foca junto a Bastos Tigre; e, em 1911, voltaram a figurar no periódico de origem e foram muito populares (**figura 58**) (Lima, 1963: 1058-9).

Outro nome importante para o repertório de ilustrações do *Jornal do Brasil* foi Amaro do Amaral. Começou seus trabalhos no jornalismo baiano, depois passou uma temporada na Europa. Em 1902, suas charges começaram a compor as páginas do *Jornal do Brasil* e da *Revista da Semana*.

# JORNAL DO BRASIL

Publicado em 15 de Janeiro de 1906

RIO DE JANEIRO — SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 1906

ANOS 110  
N. 15

**NOTÍCIAS**

... (text continues) ...

**TORRES LUSTANAS**

... (text continues) ...

**NOTICARIO**

... (text continues) ...

**COMPROVAÇÃO DE FOMENTO**

... (text continues) ...

**VI A LESARIOS**

... (text continues) ...

**Causas de polízia**

... (text continues) ...



— Para que copiar melhor sendo lançado? E para que andar por aí, se não se pode fazer nada mais nada.

**ENTRENA DE FETIDOS**

... (text continues) ...

**AS MÉRITAS POSITIVAS**

... (text continues) ...

**Funerária "Palma"**

... (text continues) ...

Figura 45 – Ilustração de Raul Pederneiras.

JORNAL DO BRASIL — Domingo, 1 de Novembro de 1908

## SEU CHICO PINDOBA — Aventuras de um fazendeiro de Pindurassaya

(Capítulo deoimo)

**1** No fim de tarde, conversando de terra para terra no lado de fora da fazenda, o velho Pindoba e o rapazinho Chico estavam de cabeça erguida a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**2** O rapazinho, então, veio ao seu encontro e informou que o velho dono da fazenda se foi para o interior e que ficou entregue de corpo e alma ao velho Pindoba e a sua esposa.

**3** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**4** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**5** A distribuição de terras não era mais a mesma. Era só o velho Pindoba e o rapazinho Chico, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**6** No primeiro dia de Pindoba, a sua esposa não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**7** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**8** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**9** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**10** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**11** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**12** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**13** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**14** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**15** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

**16** O velho Pindoba não queria mais a noite, mas Chico insistia e não cedia, e os dois ficaram a olhar o céu, quando a primeira nuvem surgiu no horizonte. Esperavam não ser a noite.

R. P.

---

**OS DOZES DOS CONVENTOS (DE FORTALEZA)**

Os doze dos conventos de Fortaleza são os seguintes: São Francisco, São João, São Pedro, São Paulo, São José, São Antonio, São Carlos, São Bento, São Salvador, São Raphael, São Gabriel e São Miguel.

**INDUSTRIAS DE ILUMINAÇÃO**

As indústrias de iluminação de Fortaleza são as seguintes: Companhia de Iluminação de Fortaleza, Companhia de Iluminação de São Paulo, Companhia de Iluminação de São José, Companhia de Iluminação de São Antonio, Companhia de Iluminação de São Carlos, Companhia de Iluminação de São Bento, Companhia de Iluminação de São Salvador, Companhia de Iluminação de São Raphael, Companhia de Iluminação de São Gabriel e Companhia de Iluminação de São Miguel.

**MOSAICO**

O mosaico é uma arte que consiste em montar imagens ou desenhos com pedras coloridas. É uma arte muito antiga e muito apreciada.

**UMA POUÇA DE TUDO**

Uma pouça de tudo é uma mistura de coisas diferentes. É uma expressão muito usada no dia a dia.

Figura 46 – Ilustrações de Raul Pederneiras.





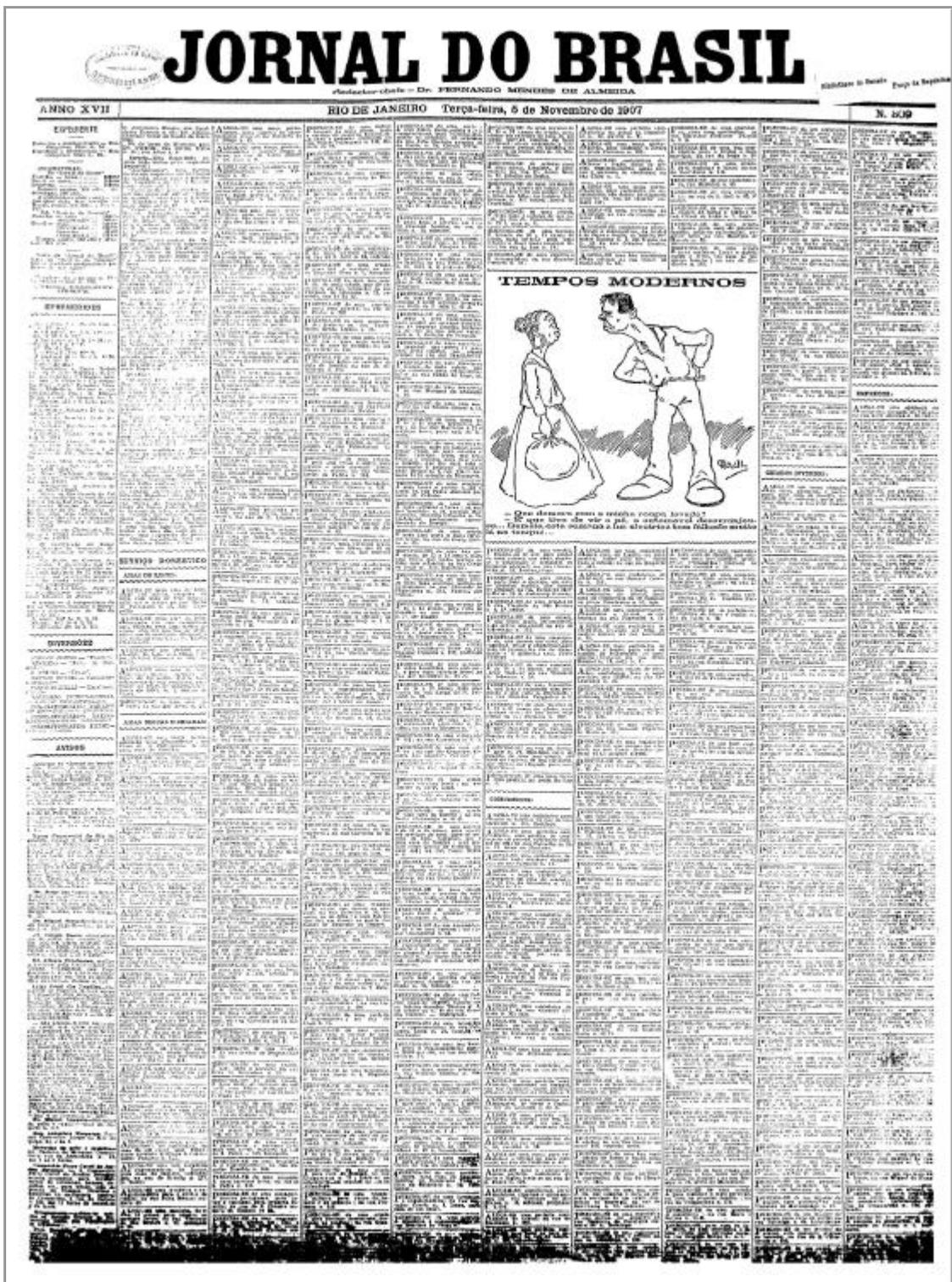


Figura 49 – Ilustração de Raul Pederneiras.

JORNAL DO BRASIL - Domingo, 24 de Abril de 1929

**S. PAULO** **SCENAS DA VIDA CARIOCA - Uma volta de bond (PALLIDOS ESBOÇOS)**

Paraphrasing the scene in the station, with a man...

Paraphrasing the scene in the station, with a man...

Paraphrasing the scene in the station, with a man...

Paraphrasing the scene in the station, with a man...

Paraphrasing the scene in the station, with a man...

Paraphrasing the scene in the station, with a man...

**RAUL**

---

**PROJECTO BELLICOSO NA ARGENTINA**

... O projecto Bellcoso, que visa a unificação da América do Sul em uma única república...

... O projecto Bellcoso, que visa a unificação da América do Sul em uma única república...

---

**NA CAIXA DE CONVERSAÇÃO**

... De quando em quando, o homem olhava para a mulher...

... De quando em quando, o homem olhava para a mulher...

---

**O EMBARAÇO DA ESCOLHA**

... Depois de um dia de trabalho, o homem se encontrou...

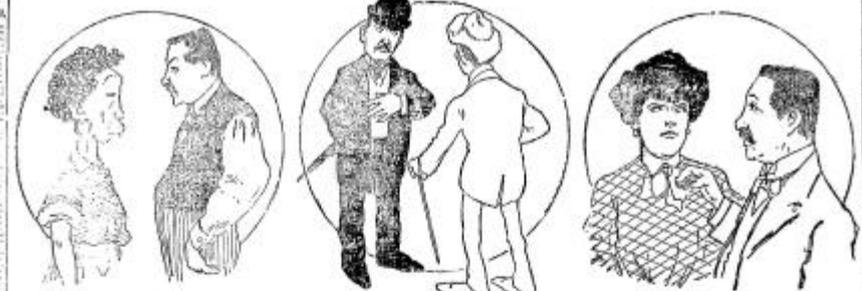
... Depois de um dia de trabalho, o homem se encontrou...

Figura 50 - Ilustrações de Raul Pederneiras.

JORNAL DO BRASIL - Domingo, 2 de Novembro de 1907

## SCENAS DA VIDA CARIOCA -- O sabe tudo

4.º artigo 1.º do artigo de Paulo... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...



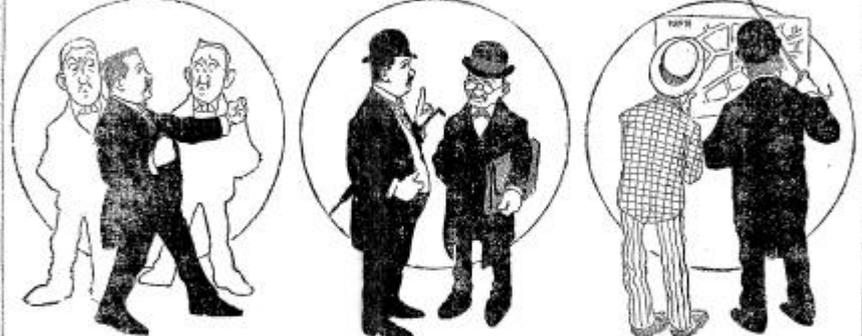
**SCENAS DA VIDA CARIOCA -- O sabe tudo**

**SCENA 1** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**SCENA 2** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**SCENA 3** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

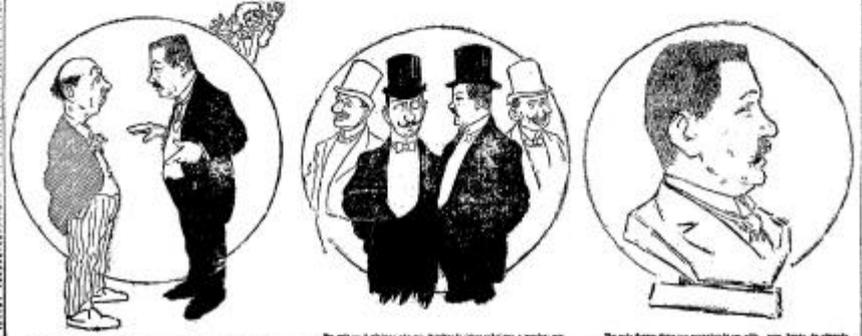
... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...



**SCENA 4** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**SCENA 5** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**SCENA 6** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...



**SCENA 7** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**SCENA 8** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**SCENA 9** — O velho, que era um bofete e sempre se fazia... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**UGOLINO**

... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

**CAUSAS PORTUGUEZAS**

... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

... (1) Artigo de Epitácio... (2) de November...

Figura 51 – Ilustrações de Raul Pederneiras.

# JORNAL DO BRASIL

Redator-chefe — DR. FERDINANDO MOURA DE ARAÚJO  
RIO DE JANEIRO — DOMINGO, 5 DE MARÇO DE 1905

ANNO XV  
N. 04

200 REIS

**ASSEMBLEIA**  
O presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, Sr. Manoel de Barros, reuniu-se hoje à tarde, às 4 horas, no salão nobre do Palácio do Rio Branco, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.

**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.

**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.



**PORTUGAL**  
O governo português tem tomado medidas para a defesa da fronteira com a Espanha, devido ao aumento das atividades revolucionárias nesse país. O ministro da Guerra, Sr. de Sá, declarou que o exército português está pronto para qualquer eventualidade.

**FRANÇA**  
O presidente da República Francesa, Sr. Loubet, recebeu hoje o embaixador do Brasil, Sr. de Albuquerque Maranhão, e lhe fez uma calorosa recepção. O embaixador falou sobre a situação política no Brasil e a amizade entre os dois países.

**ESTADOS UNIDOS**  
O presidente dos Estados Unidos, Sr. Roosevelt, recebeu hoje o embaixador do Brasil, Sr. de Albuquerque Maranhão, e lhe fez uma calorosa recepção. O embaixador falou sobre a situação política no Brasil e a amizade entre os dois países.

**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.



**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.

**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.



**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.

**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.



**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.

**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.



**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.

**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.



**COMUNICADO**  
O Sr. Manoel de Barros, presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, comunicou hoje à tarde, às 4 horas, aos membros da mesma, que a sessão de amanhã será aberta às 10 horas da manhã, para discutir o projeto de lei que estabelece o regime de ensino para o ensino primário e secundário no Estado.

Figura 52 – Ilustrações de Artur Lucas (Bambino).



Figura 53 – Ilustrações de Artur Lucas (Bambino): esquerda do topo e direita da base da página.



**JORNAL DO BRASIL - DOMINGO, 11 DE MAIO DE 1902**

## DUPLO CRIME, por BAMBINO




Um assassinato e um crime de estupro. Crime cometido no estalado número 7 situado perto do Mercado de São Paulo.

Assassinato de Antonio de Araújo, matado por Carlos Moreira. Crime cometido no estalado número 14 situado no mercado paulista.

### GALERIA CRIMINAL

11/5/02

Nome	Idade	Profissão	Residência
...	...	...	...










### A transferência da couraçado português "Vasco da Gama"

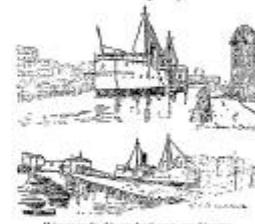
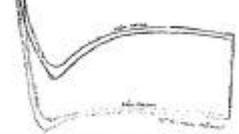


Ilustração do couraçado português "Vasco da Gama" em viagem.



De cima de dentro de Lapa, reproduzida para o JORNAL DO BRASIL, a vista do casco do couraçado português "Vasco da Gama" em viagem.

### SEÇÃO DAS CRIANÇAS

... (text continues) ...

### Expedição portuguesa ao Brasil (1808-1810) e a exploração do CHIFFRE DA EXPLORAÇÃO



... (text continues) ...

Figura 55 – Ilustrações de Artur Lucas (Bambino).



Figura 56 – Ilustrações de Artur Lucas (Bambino). Sátiras sobre os acontecimentos da semana.

# JORNAL DO BRASIL

Estabelecido — DR. FERNANDO MENDES DE ALMEIDA

RIO DE JANEIRO — DOMINGO 23 DE SETEMBRO DE 1900

N. 266

## TRAÇOS E TROÇAS! por BAMBINO

O

**OTTO PAGINAS DO BRASIL**

**SPALCENENRE**

...

**ILUSTRAÇÕES PERDIDAS, por Adão Martins**

...

...

**POLITICA INTERNACIONAL, por Celso Herminio A PAZ**

...

**PELO CEARA**

...

**PORTUGAL**

...

**FRANCOISIA**

...

...

Figura 57 – Ilustração do topo de Artur Lucas (Bambino).

**RÇO DE 1903**

# OS GAUPIRAS

(Ilustrações de Bambino e Anaro)

## Romance de João Phóca

O BOND MALUCO

XIII

Admã, e então trouxe-lhe mo-  
stro a sua papeira e o Lotero  
astrosos a ella como pao e bolão.  
Nhã Ofensã estava em guerra  
aberto com um camarão com  
quêdo e tentã ser o diaz que os  
camarões pareciam todos... e os  
quêdos também.

Um e outro não faziam senão  
gubar o que iam chamando a pá-  
das cogitadoras:

— A sepiã tá querendo. Nhã  
Ofensã ha de pôr ao dono da  
rua a receita g'ra fôz desta lá em  
Luzões...

— Deus nosso senhã que ma  
peleço— disse a esposa— mi ca-  
marão é um pao gastado...

Nhã Fulgência, porém, estava  
atrapalhada a deslumbrada e tinha  
uma surpresa de effeito preparada.  
Depois da estrelista obteve:

— Garçon! Mandê fazer uma  
"omellete au riveur"...

O criado riu-se.

— Tá vendo só, nhã Ofensã, o  
criado tem o mesmo nome do pro-  
prio de B. Maluco...

— Quem sabe se elle parou um  
de outro? — lembrou nhã Ofen-  
sã...

— Mas você sabe o nome d'elle?  
— perguntou o Fulgência.

— Que, pois então meçã não  
disse ao caseiro Garçon... Deus  
Guegô da pombã...

— Não se dizê: "garçon"—  
aplicou com importancia o Ful-  
gência — "Garçon" é copião em  
francês...

— Ah! e esse é isso... Então vão  
verão que pões não serem pa-  
rentes...

Depois de uma demora que nhã  
Ofensã aproveitou para fazer ap-  
pela na booca, tirando uns restos  
de fôrda de castellan dos cabos  
de dentes, chegou a "omellete"  
com o sturã a seer, n'esses labo-  
redas maladas.

Os dois gapiros, quando viram  
o pratinho chamam, palizam de  
susto.

— Ormã! a comida "paga" fr-  
gã?... — gritou nhã Ofensã e o  
Lotero pagou logo no copo e na  
mostraga para alisar agua ao in-  
cendio e "pagã"...

— Não se assuste, senã... como é  
cupidito em fôrda?... Não se  
zavano qu'eu já g'raffo isto...

Por um trabalho para o Fulgên-  
cio aproveitou-se do que aquillo  
era assim mesmo, bastaram-se  
ofensã, mas nhã Ofensã meteu os  
pés á parede:

— Não é a fã de minha mãe, mal-

que tinha um negocio urgente a  
tratar, deu-lhes umas indicações  
para irem receber o bilhete de  
loteria— "você não por aqui, vá  
deem a primeira rua á direita, vão  
lá, queiram á mão direita e es-  
tão lá— e rodeo.

Os dois ficaram só no meio do  
povo. Anarom, vitorioso, mes-  
suram, escolheram uma porção de  
bilhetes dirrãos e afôz foram dar,  
imaginem onde! A' rua de San-  
ta Antônia. Entraram por ella em  
direcção á Imprensa Nacional e,  
quando iam já no decubucar da  
rua, ouviram um "tam-tam-tam".  
O Lotero voltou-se e viu um  
bond eléctrico que se aproximava  
com alguma velocidade. Foi  
como se visse o diabo.

— Ah! um bond maluco!

— Fôrda de, talgo de burro e veni  
pôrta que vem voltando...

Nhã Ofensã olhou também e fi-  
cou assombrada...

— O Lotero, tomou poldã...  
Corre o Lotero, corre, não dá  
trazê— e largou a toda pã-  
ra o lado, atregando as suas  
pã-lã, de tão cobado, ager-

— Mas, um bond maluco!

— Fôrda de, talgo de burro e veni  
pôrta que vem voltando...

Nhã Ofensã olhou também e fi-  
cou assombrada...

— O Lotero, tomou poldã...  
Corre o Lotero, corre, não dá  
trazê— e largou a toda pã-  
ra o lado, atregando as suas  
pã-lã, de tão cobado, ager-



... e o Lotero pagou logo no copo e na mostraga...

de coram, isso não bôo... Sam-  
ra ouvi disse que quem botava  
com fogo nas mãos moada, fura-  
gino agora quem comê fago  
como amehoe...

— Não amehoe, creatura de  
Deus... — corrigiu a esposa.

Então começaram. O Fulgência  
teve um sturã desgraçado com o  
copo, e como sempre a "omel-

— Mas, um bond maluco!

— Fôrda de, talgo de burro e veni  
pôrta que vem voltando...

Nhã Ofensã olhou também e fi-  
cou assombrada...

— O Lotero, tomou poldã...  
Corre o Lotero, corre, não dá  
trazê— e largou a toda pã-  
ra o lado, atregando as suas  
pã-lã, de tão cobado, ager-



— Mas, um bond maluco!

loterã, debaixo dos protestos de  
nhã Ofensã:

— Não Perseguido contra isso  
que não pãno lá de um só ma-  
mo... Não stama, nhã Ful-  
gência...

— Mas elle "stomou". Abreman e  
resolheu de vez barrar os cogitã-  
mentos a "vôz" o atreço, disse

rou as abas do "fructo" rabudo e  
portas para que vos quera, sabido,  
que sabia fusticar. O gapiro  
chouva calê, no agonal-o calê  
a chanda — uma atrapalhada  
dos poldã. O chapêo de nhã  
Ofensã, esse despençou-se para o  
lado.

O povo, vendo a correr agerida

— Ah! vem elle, maluco... AM  
vem, que o povo já tá corrido— e  
apertava a galopada, que não  
tiro de pãz, porque nhã Ofensã  
impugna e foi de ventã no cobo.  
Logo camosos os camosos:

— Que é? que foi?... Fuga?...  
Escamota?...  
— Já pegou elle?... perguntava  
o Lotero, empunçando a moada  
grãta esportada ao chão.

— Não, quem?

— O bond maluco?...  
— Que bond maluco...  
— Um veno que não se pãno lá  
em mão, que volta em casa de  
nós que nem uma fãra...  
— Mas a que bond se refere a  
secher?...  
— Um sem burro nem nada,  
correu que nem o diabo, não  
não é...  
— Ah! o bond eléctrico?...  
— Não é o bond eléctrico? — disse  
quella que a gente por uma fãpa  
de e a gente não corre...  
— Não é nada disso... Já sei de  
que se trata — disse um rapaz que  
se aproximava e trouxe a fãra de  
rã na mão, pãncalça e pãncalça  
de amehoe de fãra...  
— De fãra, não, de diabo, que  
não seio de fãra...  
— É o mesmo... Não de Ara-  
ruama — não é?...  
— Que stama, nem mais fã-  
ruama. Não pãno de fãra... ni  
estado de B. Maluco...

— Ah! fãra, pãncalça... Não é lá  
em Ararãmas não ha diabo... Pã-  
ra não se assuste, estava na mão  
quasi mesmo, estava na mão  
sem burro, que o burro no fã-  
cudo muito por elle... Pãra de  
quem assim... O senhor já está  
se cerro em trem de fãra...

— Não, não tem a fãra...  
que fãra estava que fãra e fã-  
vão dentro e pãra no carro...  
— Justamente. Aqui, em vez de  
fãra, o que pãra é a direcção  
de um bilhete de fãra... e  
uma fãra estava e estava qui-  
chapa de burro de fãra... e fã-  
cudo ao longo de fãra e fã-  
vão...

— Não é isso!

— Não é... Perdeu...

— Não se perde! É muito maluco,  
mas aquelle, pãncalça e fãra...  
um pouco tempo, quem está...

— Não Lotero, não tá na la-  
terã booca e eu só não vou de  
nova touca em fãra e no não  
rãra que está, que está... fãra  
pãncalça de fãra... fãra... fãra...  
nhã Ofensã, que se levanta e  
estaba a pãncalça fãra e fã-  
pada.

(Continua)

João Phóca.

Figure 58 – Ilustrações de Artur Lucas (Bambino).

No início, se inspirava em Raul e produziu uma série de “Tipos da Rua” para a *Revista da Semana*, onde colaborou até o ano de sua morte, em 1922 (**figuras 59 a 62**). É notável no *Jornal do Brasil* a seção que Amaro fundou intitulada “Figuras e Figurões”, onde fazia charges das atualidades políticas. (Lima, 1963: 1128-30).

Luís Peixoto foi também um caricaturista importante para a história da imprensa brasileira. Assim como Raul, ele era um artista múltiplo: além de ilustrador era poeta, escritor, pintor, cenógrafo, escultor e ator. Deixou uma extensa e admirável produção, com destaque para os *portraits-charges* e para a caricatura política. Foi autodidata e entrou aos quinze anos de idade na *Revista da Semana*. Durante sua trajetória trabalhou em diversos semanários de curta duração e obteve destaque no *Jornal do Brasil*, nas revistas *O Malho* e *Fon Fon*, e outros. Luís, assim como Amaral, tinha Raul Pederneiras como um mestre, seu traço era nitidamente marcado pelo estilo de Raul. Em algumas ocasiões desenhavam juntos e assinavam Raiz, nome composto pela metade do nome de cada um. Publicava no *Jornal do Brasil* suas notáveis charges políticas, além disso, alternava com Raul a caricatura da capa, geralmente comentários sobre os principais acontecimentos do dia anterior, e ainda era responsável por uma página inteira nas edições dominicais (**figuras 63 a 65**) (Lima, 1963: 1196-7 e 1201).





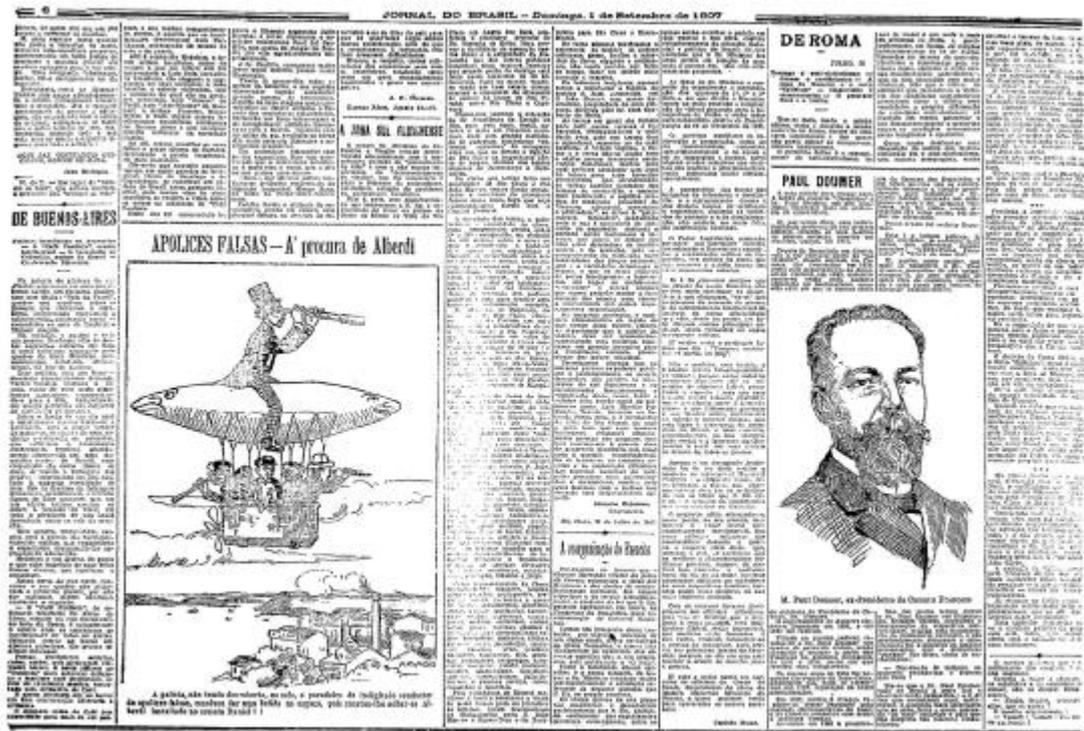


Figura 61 – Ilustração de Amaro do Amaral.





# JORNAL DO BRASIL

Redacção — DR. FERNANDO MENEZES DE ALMEIDA

RIO DE JANEIRO — QUINTA-FEIRA, 6 DE NOVEMBRO DE 1917

N. 312

## EXPEDIENTE

**REDAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ADMINISTRAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ASSINATURAS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ANUNCIOS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**REDAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ADMINISTRAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ASSINATURAS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ANUNCIOS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**REDAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ADMINISTRAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ASSINATURAS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ANUNCIOS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**REDAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ADMINISTRAÇÃO** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ASSINATURAS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**ANUNCIOS** — Avenida da República, 150, Rio de Janeiro, Tel. 1111.

**UMA** das coisas mais interessantes que se viu nestes dias em Rio de Janeiro, foi a chegada de um navio vindo de Santos, com a bordo um grande número de soldados brasileiros, que foram enviados para o front da guerra.

**AMAR** ROSAS E CRIANÇAS — A Associação de Amadores de Rosas e Crianças, fundada em 1915, realizou uma reunião em sua sede, na Rua do Ouvidor, para discutir o plano de trabalho para o próximo ano.

**ALUGAR** — O Sr. João de Deus, proprietário de um terreno na Rua da Assembleia, nº 123, oferece para aluguel um local adequado para a instalação de uma loja ou escritório.

**ALUGAR** — O Sr. João de Deus, proprietário de um terreno na Rua da Assembleia, nº 123, oferece para aluguel um local adequado para a instalação de uma loja ou escritório.

**ALUGAR** — O Sr. João de Deus, proprietário de um terreno na Rua da Assembleia, nº 123, oferece para aluguel um local adequado para a instalação de uma loja ou escritório.

**ALUGAR** — O Sr. João de Deus, proprietário de um terreno na Rua da Assembleia, nº 123, oferece para aluguel um local adequado para a instalação de uma loja ou escritório.

## O GIGANTE QUE DESPERTA



BRASIL — Com tal tamanho gigante que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

**PROTECTOR** de uma nova ordem social, o Brasil desperta para produzir que ninguém consegue. O gigante que desperta é o Brasil, com seu tamanho e sua força, que desperta todos para produzir que ninguém consegue.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610429/CA

Figura 64 – Ilustração de Luiz Peixoto.



## 4.2 Seções

O período selecionado para pesquisa (1900 a 1950) se iniciou quando o *Jornal do Brasil* já havia estabelecido seu posicionamento de defensor do povo e se orgulhava de ser conhecido como “popularíssimo”. Em seu conteúdo era possível encontrar seções direcionadas a esse público, como espaço para reivindicações e matérias policiais, esportivas e carnavalescas.

Nossas seções são todas eficazmente cuidadas. Merecem entre elas especial menção o serviço telegráfico, vida do foro, movimento comercial, informações policiais e notas sobre a estrada de ferro Central do Brasil. FELIPRA (*Jornal do Brasil*, 15/11/1900, página 2).

Através do estudo das seções publicadas no *Jornal do Brasil* foi possível identificar aspectos marcantes da sociedade brasileira no período estabelecido. A seção policial, por exemplo, passou a ter maior destaque com o novo posicionamento do jornal: os crimes eram descritos com detalhes e muitas vezes ilustrados. Era a seção que mais utilizava imagens sensacionalistas, através de desenhos e, posteriormente, de fotografias. Inúmeras vezes, publicou imagens de cadáveres e cenas chocantes (**figura 66**). Todavia, o uso sensacionalista dessas imagens estava somente em seu conteúdo, já que sua composição na página era simples, sendo publicadas em tamanhos pequenos. Não há uma diferenciação gráfica para enaltecer a tragédia.

O jogo do bicho era seção cativa no *Jornal do Brasil*, publicada por décadas. Segundo Sodré, com exceção do *Jornal do Comércio*, todos os impressos diários publicavam os resultados do jogo do bicho, já que o conteúdo impulsionava a venda dos exemplares avulsos (Sodré, 1999: 272). Foi uma das primeiras seções fixas a ser ilustrada, visto que os clichês dos desenhos dos bichos eram sempre os mesmos e eram usados diariamente de acordo com os resultados. A reutilização sistemática dos clichês compensava o custo de sua produção.

Numa seção intitulada “Queixas do Povo”, eram publicadas gratuitamente as reivindicações da população. Não era preciso saber escrever para registrar a queixa, bastava ir a um dos locais que recebiam os anúncios classificados do jornal para registrar sua reclamação. Segundo Silva, através do estudo do

**JORNAL DO BRASIL — Sábado, 4 de Setembro de 1960**

**A. T. COSTA DO OLIVEIRA**  
**UMA CASA NOVA**

Passar esta página em duas horas e meia é uma tarefa árdua para quem não conhece o Brasil. Mas, para quem conhece o Brasil, é uma tarefa fácil. É uma tarefa de amor, de dedicação, de entrega. É uma tarefa de quem quer construir uma casa nova para o Brasil.

Esta é a história de um homem que quer construir uma casa nova para o Brasil. É a história de um homem que quer construir uma casa nova para o Brasil. É a história de um homem que quer construir uma casa nova para o Brasil.

**VONTADE DE MATAR**  
(Dez colunas de 7 páginas)

**J. J. Cesar**

O crime de matar pelo amor é um crime que sempre atrai a atenção do público. É um crime que sempre atrai a atenção do público. É um crime que sempre atrai a atenção do público.

**QUEIXAS DO POVO**

As queixas do povo são muitas e variadas. São queixas de fome, de frio, de doença, de morte. São queixas de quem quer viver melhor, de quem quer viver com dignidade.

**PARA OS POBRES**

Comunidade e um trabalho produtivo, é a solução para os pobres. É a solução para os pobres. É a solução para os pobres.

**O OPERARIADO**

O operariado é a base da sociedade. É a base da sociedade. É a base da sociedade.

**SAÚDE PÚBLICA**

A saúde pública é um direito de todos. É um direito de todos. É um direito de todos.

**Exposição de História**

A exposição de história é uma oportunidade para conhecermos o passado. É uma oportunidade para conhecermos o passado. É uma oportunidade para conhecermos o passado.

**CONCURSO POPULAR**

O concurso popular é uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos.

**ILUS-AS**

Ilus-As é um espetáculo único. É um espetáculo único. É um espetáculo único.

**MORTE NO HOSPITAL**

Morte no hospital é uma tragédia. É uma tragédia. É uma tragédia.

**FACTOS POLICIAIS**

Factos policiais são notícias importantes. São notícias importantes. São notícias importantes.

**CONCURSO POPULAR**

O concurso popular é uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos.

**CONCURSO POPULAR**

O concurso popular é uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos.

**CONCURSO POPULAR**

O concurso popular é uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos.

**CONCURSO POPULAR**

O concurso popular é uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos. É uma oportunidade para todos.

Figura 66 – Publicação frequente de imagens sensacionalistas.

conteúdo dessa seção foi possível analisar as condições de vida da parcela da população mais simples que habitava a capital da República, que geralmente não eram estudadas por falta de materiais e registros (Silva, 1988: 13). E, ainda, conhecer a visão dessa população desprovida de recursos, que era mera espectadora das mudanças ocorridas no país. Foi uma das poucas seções que permaneceu no jornal durante todo o período englobado pela presente pesquisa.

A publicação de folhetins, típico do romantismo europeu, marcou todo o período pesquisado, obtendo amplo sucesso. Esse gênero consistia em publicar diariamente parte de uma história, deixando o leitor na expectativa de ler sua continuidade na edição seguinte. Meyer afirma que a prosperidade dos jornais impressos no final do século XIX está relacionada à publicação de folhetins. Impressos de diferentes posicionamentos, como o *Jornal do Comércio* e a *Gazeta de Notícias* publicavam regularmente o folhetim. A autora acrescenta que a prova do folhetim ser indispensável está no exemplo do *Jornal do Brasil*, que acolheu grandes nomes da política e das letras e, mesmo assim, adotou o gênero importado (Meyer, 1996: 294 e 297). O folhetim, a princípio, possuía destaque sendo muitas vezes apresentado na capa; porém, com o passar dos anos passou a ser publicado em meio aos classificados, no final das edições. Quando o *Jornal do Brasil* foi fundado, o conteúdo literário era valorizado em relação às notícias, pois muitos colaboradores eram escritores. Contudo, com o passar dos anos e a mudança de posicionamento do periódico e de interesses do público leitor, outros assuntos começaram a receber destaque e a ocupar os espaços nobres das edições. Independente de seu destaque no impresso, o folhetim era publicado sempre na base na página, ocupando geralmente de 10 a 13 cm de altura e toda a extensão da página. Observou-se ainda que como seu espaço era separado do restante da página por vinhetas ou fios, muitas vezes as colunas de texto do folhetim eram diferentes: por exemplo, diminuía-se o número de 8 para 6 colunas, aumentando a largura de cada uma. Um recurso gráfico simples que o destacava em relação ao restante da edição (**figuras 67 e 68**).



Apesar de o conteúdo literário ter perdido o espaço que possuía inicialmente nas páginas do *Jornal do Brasil*, o mesmo continuou a ser publicado por décadas. Além do folhetim, que fez parte das edições até meados da década de 1940, houve em algumas épocas a publicação de páginas de livros impressas em ambos os lados de uma folha do jornal para que o leitor pudesse recortar e montar seu livro (**figura 69**). Na década de 1920, o periódico pagava ao romancista Benjamim Constallat o dobro do que recebia o redator-chefe do jornal, para escrever *Os Mistérios do Rio*, que era publicado em série e ocupava página inteira da edição. Isso mostra a importância do conteúdo literário. Em 1926, o colaborador João Ribeiro passou a escrever o “Registro Literário”, seção de notas críticas de literatura caracterizada pela acolhida aos novos autores, especialmente, aos modernistas (Sodré, 1999: 364-5).

A publicação de classificados caracterizou a construção visual do *Jornal do Brasil* por muitos anos e foi seção importante na história do jornal. Em 1897 já existia uma pequena seção de classificados com divisões, como: aluga-se, vende-se e precisa-se. Posteriormente foi a seção que mais cresceu no jornal: diversas subseções foram criadas, principalmente, depois que passou a ocupar a capa, em 1906. A partir de então as primeiras e últimas páginas das edições do *Jornal do Brasil* eram dedicadas aos classificados. Para demonstrar como os classificados ganharam espaço nas edições, foi feita uma média aproximada em porcentagem desse conteúdo em relação ao restante da edição. Desde sua fundação até 1896, os anúncios ocupavam 25% das edições; entre 1900 e 1905, o espaço ocupado por classificados e anúncios oscilou entre 20 e 50%, dependendo do dia da semana. Em 1907, havia 60% de classificados; em 1910 apenas 40%; em 1918 de 50 a 65%; de 1922 a 1930, 50%; de 1938 a 1945, 60%; e em 1950 de 65 a 70%. Esses valores são aproximados, levantados apenas para ressaltar a importância que teve essa seção no *Jornal do Brasil*. Foram levados em conta também os anúncios publicitários que eram publicados, geralmente, junto aos classificados, no final das edições. Com base nesse breve levantamento, podem-se identificar dois momentos em que os classificados ganharam maior ênfase: em 1907, no período em que o jornal estava endividado com a modernização tecnológica, que o levou a disponibilizar a capa para os anúncios e, nas décadas de 1930 e 1940, quando deu tanta ênfase aos classificados que perdeu sua importância como órgão noticioso.

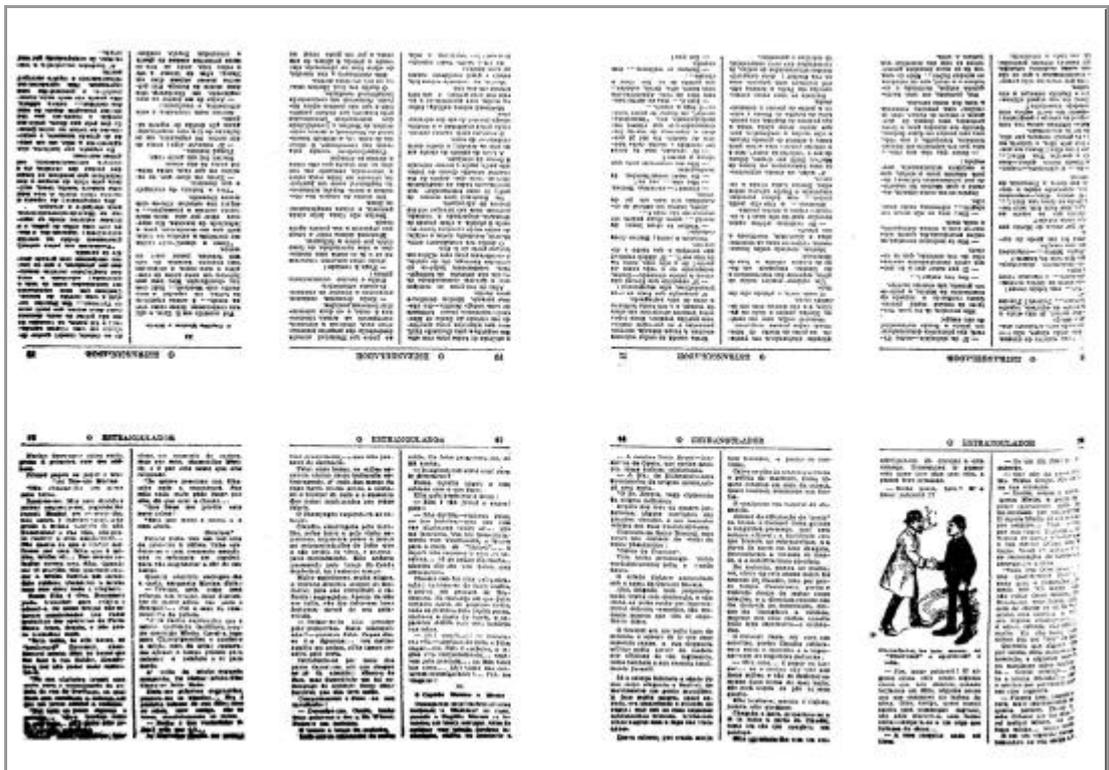


Figura 69 – Publicação de páginas de livros para o leitor recortar e montar.

Analisando graficamente a apresentação dos classificados, percebem-se alguns fatores que resistiram durante todos os anos da pesquisa e algumas experimentações interessantes no sentido de organizar o conteúdo. O uso de fios tipográficos para garantir a ordem dos anúncios e a utilização de capitulares foram características fixas nos classificados do *Jornal do Brasil*. Contudo, não eram recursos inéditos, pois já eram utilizados nos classificados do jornal londrino *Illustrated London News* em meados do século XIX (Lupton, 2006: 119). A princípio a tipografia utilizada nessas capitulares era serifada, com as extremidades arredondadas. A partir de 1903, passou a ser utilizada uma família de tipos moderna, provavelmente *Bodoni*, com serifas lineares. O curioso é a insuficiência quantitativa dos tipos modernos para compor algumas páginas e o uso da família tipográfica utilizada anteriormente em meio aos anúncios suprimindo os desfalques. Os títulos das subseções dos classificados sempre eram destacados na página com o auxílio de algum elemento gráfico. Na época em que os classificados passaram a compor a capa do *Jornal do Brasil*, seus títulos eram acompanhados acima e abaixo por uma vinheta que representava pequenas ondas. Em 1912 esses subtítulos passaram a ser publicados em letras desenhadas à mão, acompanhados por desenhos que representavam o serviço ou produto oferecido. Esse recurso provavelmente foi adotado para facilitar a identificação dos itens dos classificados e quebrar a monotonia das páginas repletas de anúncios. Em 1917 os tipos comuns voltaram a ser utilizados na composição dos subtítulos dos classificados e passaram a vir sempre acompanhados por fios simples ou duplos, para ter destaque em meio à massa homogênea de anúncios (**figuras 70 a 72**).

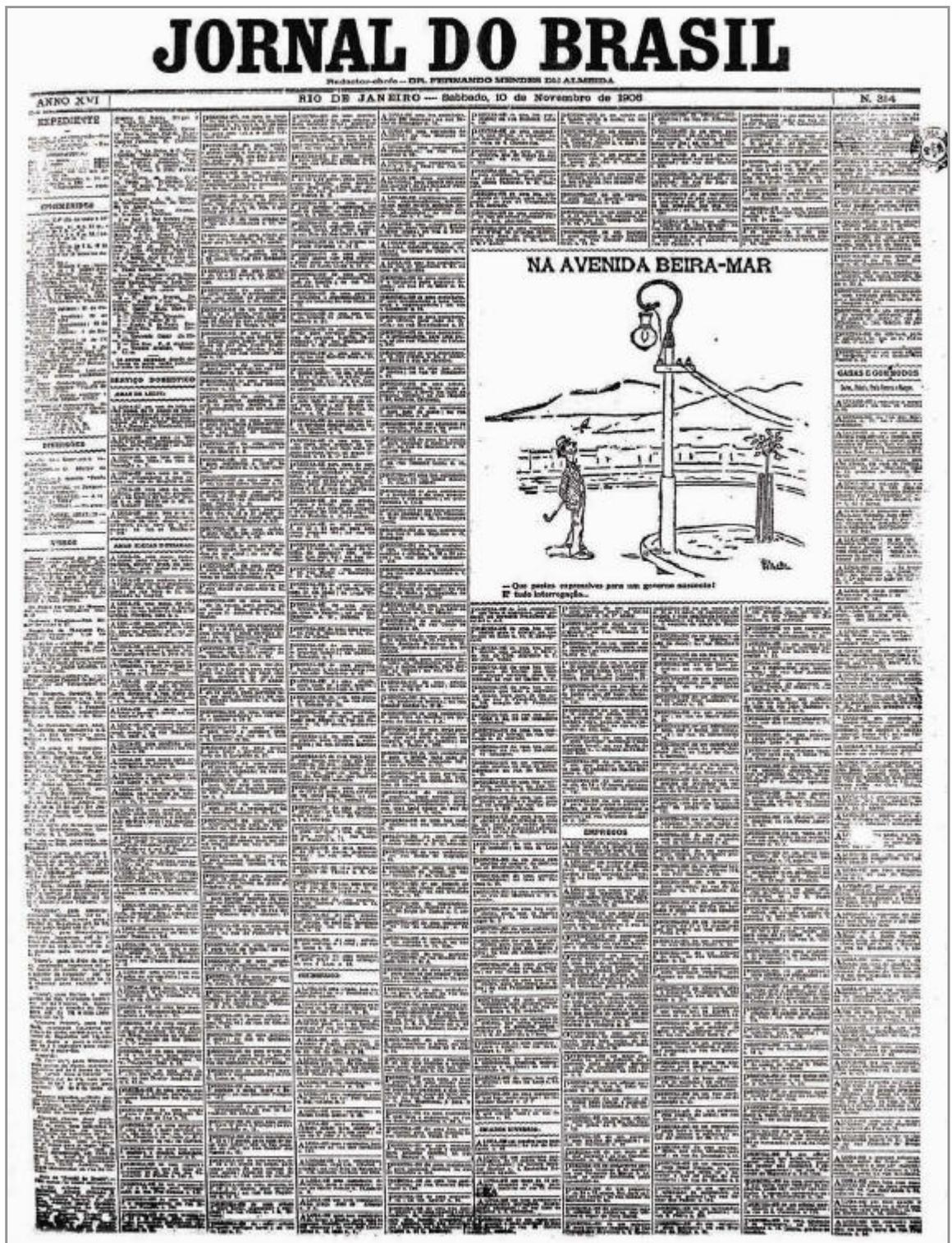


Figura 70 – Títulos de sub-seções dos classificados destacados por vinhetas em formato de pequenas ondas.

This image shows a page from the 'Jornal do Brasil' newspaper, dated Sunday, July 4, 1915. The page is densely packed with small, vertical columns of text, which are classified advertisements. Several of these advertisements are distinguished by large, stylized, hand-drawn titles and decorative elements. Notable examples include:

- COSMÉTICOS**: A large, bold title in the center-left section.
- EMPRESAS**: A title in the lower-middle section, accompanied by a graphic of three figures.
- Estados Unidos**: A title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: Another title in the lower-right section, with a different decorative flourish.
- Estados Unidos**: A third title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: A fourth title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: A fifth title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: A sixth title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: A seventh title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: An eighth title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: A ninth title in the lower-right section, with a decorative flourish.
- Estados Unidos**: A tenth title in the lower-right section, with a decorative flourish.

The overall layout is a grid of text, with the decorative titles and graphics acting as visual anchors for specific advertisements. The text within these columns is too small to read clearly but appears to be standard classified ad copy.

Figura 71 – Títulos de sub-seções dos classificados destacados por letras desenhadas à mão, acompanhadas por desenhos que representavam o produto ou serviço oferecido.



### 4.3 Apresentação gráfica

A princípio o jornal era uma massa homogênea de texto desde a capa até o miolo, e geralmente a última página da edição era voltada para os anúncios publicitários, o que a diferenciava graficamente. Com o início da inserção de imagens, foi possível arejar as páginas privilegiadas com a presença de uma janela de desenho. Porém, até a década de 1930, a hierarquia de informações era pouco desenvolvida. Essa afirmação se refere à organização das matérias nas páginas de acordo com sua importância; isto é, matérias de maior destaque possuindo título maior e localizando-se no topo da página. A princípio, todos os títulos eram publicados em apenas uma coluna, e só a partir de 1920, encontram-se títulos em duas colunas ou mais.

Devido à composição de títulos em apenas uma coluna, a estrutura da página era vertical e, a partir do momento em que são publicados títulos com destaque e ocupando duas ou mais colunas, sistematicamente, a estrutura se tornou mista. Essas observações acerca da disposição do conteúdo nas páginas do jornal estão relacionadas ao processo de paginação do periódico. Esse é um aspecto importante visto que define a estrutura visual do impresso e que supõe uma organização prévia, já que o tempo de produção do jornal é curto, por conta de sua circulação diária.

Segundo Bahia, “a apresentação gráfica é sempre um produto da paginação” (Bahia, 1967: 173). Essa afirmação se baseia no fato de que a montagem de títulos, textos e clichês são frutos da paginação. Os jornais modernos começaram a se preocupar com o planejamento da distribuição dos elementos da página, já que assim ganhavam tempo no preparo das edições e tornavam as páginas mais agradáveis visualmente. A partir dessa constatação de atividade projetual na elaboração do jornal diário, presume-se que o profissional responsável pela visualidade do jornal, o paginador, exercia uma função análoga ao que hoje cumprem os designers. Seguindo esse raciocínio, posteriormente, surgiria outro cargo com as mesmas características, o de diagramador. Para Bahia, a diferença entre paginação e diagramação de um impresso é que a última busca a utilização dos elementos gráficos aliados à estética e arquitetura da página, padronizando sua forma gráfica. A função do diagramador era definir as marcações das matérias

num espelho da página, estabelecendo o espaço que cada assunto ocuparia, e também o tamanho dos títulos e imagens, ou seja, definia a localização e o destaque que cada elemento gráfico receberia na edição (Bahia, 1967: 176). Do ponto de vista histórico, essa distinção entre os conceitos de paginação e diagramação parece ser relevante.

Observando as páginas do *Jornal do Brasil* no período da pesquisa, não foi possível identificar a partir de que época essa sistematização projetual da página em diagramas passou a ser feita. Sabe-se que com a grande reforma gráfica ocorrida no final da década de 1950 foram criadas várias regras de utilização dos elementos gráficos na página. No período anterior, não se sabe exatamente quais eram as regras, os limites permitidos para experimentações e o que era padronizado. Acredita-se que durante todo o período estudado o jornal era paginado. Pode-se perceber que na década de 1940 ainda não havia utilização de grid, diagrama utilizado na organização do conteúdo, na composição das páginas; o texto de uma coluna não era alinhado em relação as outras (**figura 73**). Porém, observando as páginas do *Jornal do Brasil* ao longo dos anos identificam-se alguns padrões, como por exemplo, o cabeçalho da capa, que foi modificado bastante, porém manteve sempre tipografia similar no título do jornal. O cabeçalho da capa era o principal meio de reconhecimento por parte dos leitores do periódico e parte essencial de sua identidade visual. Além disso, a estrutura das páginas também possuía identidade. O formato da folha, o número de colunas, o uso de títulos decorados em seções fixas, a divisão do conteúdo, toda a estrutura de organização e apresentação das páginas conferiam identidade visual ao *Jornal do Brasil*.

Desde o final da década de 1920 até o início dos anos 1940, as edições dedicavam suas quatro primeiras páginas aos classificados e a quinta era sempre de conteúdo editorial com o mesmo padrão de apresentação gráfica. Sempre com títulos de duas colunas localizados no topo e extremidades da página. Os outros títulos eram apresentados sem destaque, uma composição sem muitos contrastes. Em relação às outras páginas da edição, identifica-se um padrão gráfico pelo uso sistemático da tipografia, tamanho dos títulos e imagens, alinhamentos, títulos desenhados; porém não é possível apontar a estrutura como na quinta página. Isso mostra que o paginador utilizava regras no uso dos elementos, mas definia a estrutura das páginas de acordo

JORNAL DO BRASIL — SEXTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 1943

## Americana contra as doeste do Pacífico

... superioridade, as forças combinadas...  
... no primeiro passo para eliminar o...  
... Geografia. Viru também...  
... A sua vitória por...  
... 43.000.000 de dólares. Knox...  
... será superior 60% à frota de...  
... quanto ao número de unidades...  
... da frota como nunca o es...  
... tiveram os outros. Transforma...  
... apesar dos danos causados pe...  
... um exército de 6.000.000 de...  
... da frota que jamais existiu...  
... Tota empurrou a tática de...  
... se. O bombardeio se intensificou...  
... para reter os restos de suas vi...  
... "Porém, a posse da iniciativa...  
... da guerra não...  
... a vitória...  
... a guerra...  
... muito que andar antes que a...  
... guerra...  
... retentado, significa que podemos...  
... a hora e o lugar da ba...  
... talha".

## A mediação anglo - norte - americana na pendencia De Gaulle - Giraud

### Declarações do Sr. Churchill na Camara dos Comuns

Londres, 1 (R.). — O Primeiro...  
... hoje na Camara dos Comuns...  
... importante declaração em res...  
... a perguntas formuladas...  
... Emmanuel Shinwell. Deseja...  
... de guerra britânica...  
... participação da decisão de...  
... o General Eisenhower no...  
... controle local de organização...  
... francesa, na África do...  
... Norte.  
... Churchill declarou o seguinte...  
... "Suponho que o Sr. Shinwell...  
... em mente os pontos de...  
... de Washington, sobre o...  
... O fato são estes, em vista...  
... das prolongadas discussões...  
... chefes franceses, em Argel...  
... sobre questões que envolvem o...  
... caráter e controle das forças...  
... francesas e do seu efi...  
... que isso poderia ter sobre o...  
... prosseguimento do esforço de...  
... guerra e sobre a segurança da

## Concentração aliadas na

Roma anuncia que tropas norte-am...  
... aliadas do Norte para o Sul, principal...  
... navies mercantes, poderosamente es...  
... rumo ao Mediterrâneo —  
... Sofia, quartel general d

Londres, 1 (R.). — Agitando...  
... o tema do Eixo da "invasão no...  
... mundo", o rádio de Paris, sob...  
... o controle dos alemães, anun...  
... cios hoje que os soldados he...  
... tanacos deverão permanecer em...  
... Londres por todo o fim de se...  
... mana.

Então, Roma continua...  
... a sustentar que a Itália será o...  
... primeiro ponto de "invasão" e...  
... no que se refere a "segunda...  
... italiana, já desalojada, a base...  
... naval de Spezia, aliás, já multo...  
... batida de bombas.

A emissora romana anuncia...  
... que dois exércitos aliados se...  
... acham concentrados no Oriente...  
... se achando-se também...  
... uma frota de barcos de inva...  
... são em Gibraltar. "O Primeiro...  
... Exército não se na África do...  
... Norte e o Segundo Exército re...  
... pressos em grande parte para o...  
... tanto juntamente com um cer...  
... tado número de comandos, anu...  
... ntar o teatro."

Agora, tanto a emissora alemã...  
... como italiana, estão concen...  
... trando a falar no redobtam...  
... ento das tropas na Grã Bre...  
... tanha. O rádio de Paris em...  
... do "correspondente neutro" a...  
... dências sobre que "tropas ame...  
... ricanas estão em movimento de...  
... Irlanda do Norte para o Sul...  
... principalmente para Inglaterra...  
... meridional".

A emissora de Roma...  
... que "se tem observado gran...  
... des concentrações de forças...  
... norte-americanas e britânicas...  
... na Grã Bretanha, que poss...

UM TREMOR DE TERRA  
SACUDIU TOQUIO

Londres, 1 (A. P.) — Esta...  
... tarde, um tremor de terra, du...  
... rando um minuto, sacudiu To...  
...quio, a capital japonesa.

Segundo uma irradiação nipo...  
... nica "milhares de pessoas sal...  
... taram para as ruas tomadas de...  
... pânico". Diversos edifícios sofre...  
... ram danos em localidades pro...  
... ximas, mas em Toquio, propriam...  
... ente, somente "paredes de ca...  
... sas velhas caíram". Muitas ca...  
... sas de comércio, porém fe...  
... charam.

O epicentro teria sido em Shi...  
... moe-ama, a cerca de 30 milhas...  
... noroeste de Toquio.

Foi ouvido aqui o seguinte co...  
... nhecimento nipônico a respeito...  
... "Forte tremor de terra sa...  
... coum Toquio e áreas adjacen...  
... tes, esta tarde. O Observatório...  
... Central Meteorológico localizou...  
... o epicentro do fenômeno perto...  
... de Shimotsuima, na Prefeitura...  
... de Iwate — aproximadamente...  
... 80 quilômetros noroeste de To...  
...quio. O tremor de terra derru...  
... bou paredes e utensílios na...  
... área de Shimotsuima. Não se...  
... notaram danos de área af...  
... tada."

DUBLITO O SR. DE VALERA

Dublin, 1 (A. P.) — O Sr. De...  
... Valera foi eleito primeiro mi...  
... nistro do Eire, por 67 votos con...  
... tra 37 no Dail.

A FORÇA COOPERATIVA SANTAS

SEA RESERVA DE ORO

Londres, 1 (A. P.) — O Sr. De...  
... Valera foi eleito primeiro mi...  
... nistro do Eire, por 67 votos con...  
... tra 37 no Dail.

Figura 73 – Na década de 1940 ainda não havia a utilização de grid. O texto de uma coluna não era alinhado em relação às outras.

com o material disponível em cada dia. Essas reflexões foram baseadas na observação da fonte primária, no acervo do jornal. A afirmação de que a construção das páginas era trabalhada diariamente se baseia na constatação de que muitas vezes foi difícil identificar o uso padrão de um mesmo elemento. Comumente o título de uma seção era apresentado numa tipografia e às vezes mudava em algumas edições. Isso comprova que não havia sistematização obrigatória como existe nos projetos gráficos dos jornais atualmente. A cada aspecto observado existe sempre uma exceção que não permite que se afirmem quais regras eram usadas para compor o impresso.

Como o jornal era paginado, as mudanças gráficas ocorriam paulatinamente, assim o leitor não se deparava repentinamente com um novo jornal, como acontece atualmente quando um periódico modifica seu projeto gráfico. Contudo, há marcos de modificações gráficas importantes ocorridas durante o período estudado. A primeira alteração gráfica significativa identificada ocorreu em 1906, quando a capa que anteriormente era ocupada por matérias e uma charge ou caricatura passou a ser suporte dos classificados, porém mantendo a ilustração diária. O cabeçalho das páginas do miolo, que apresentavam o fôlio, a data e o nome do jornal passou a ser apresentado de forma diferente em relação ao ano anterior: a tipografia utilizada era mais leve e em tamanho de corpo menor, o que deixou o cabeçalho mais discreto. Os títulos das seções fixas, que eram publicadas sempre com a mesma tipografia, em caixa alta, negrito e acompanhados acima e abaixo por fios duplos, passaram a ser compostos com famílias tipográficas distintas e com os fios duplos somente acima do título (**figuras 74 e 75**). De modo geral, essas pequenas alterações em elementos do repertório diário do jornal deixaram as páginas menos poluídas visualmente e bem diferentes graficamente do que era veiculado um ano antes.

Ainda com relação a construção visual do jornal em 1906, pode-se perceber que os títulos eram geralmente apresentados em uma coluna, raramente em duas. O que significa dizer que os títulos eram curtos e sem maiores destaques, independente de sua importância editorial. Nesse ano começou a ser publicada diariamente a seção ilustrada “João Paulino: histórias infantis” que possuía título desenhado e, publicava, além de outras coisas, quadrinhos (**figura 75**). Essa seção dedicada às crianças fez muito sucesso e foi publicada até meados da década de 1920, quando era, junto à seção de modas “Mod’s e Elegâncias”, ainda ilustrada.

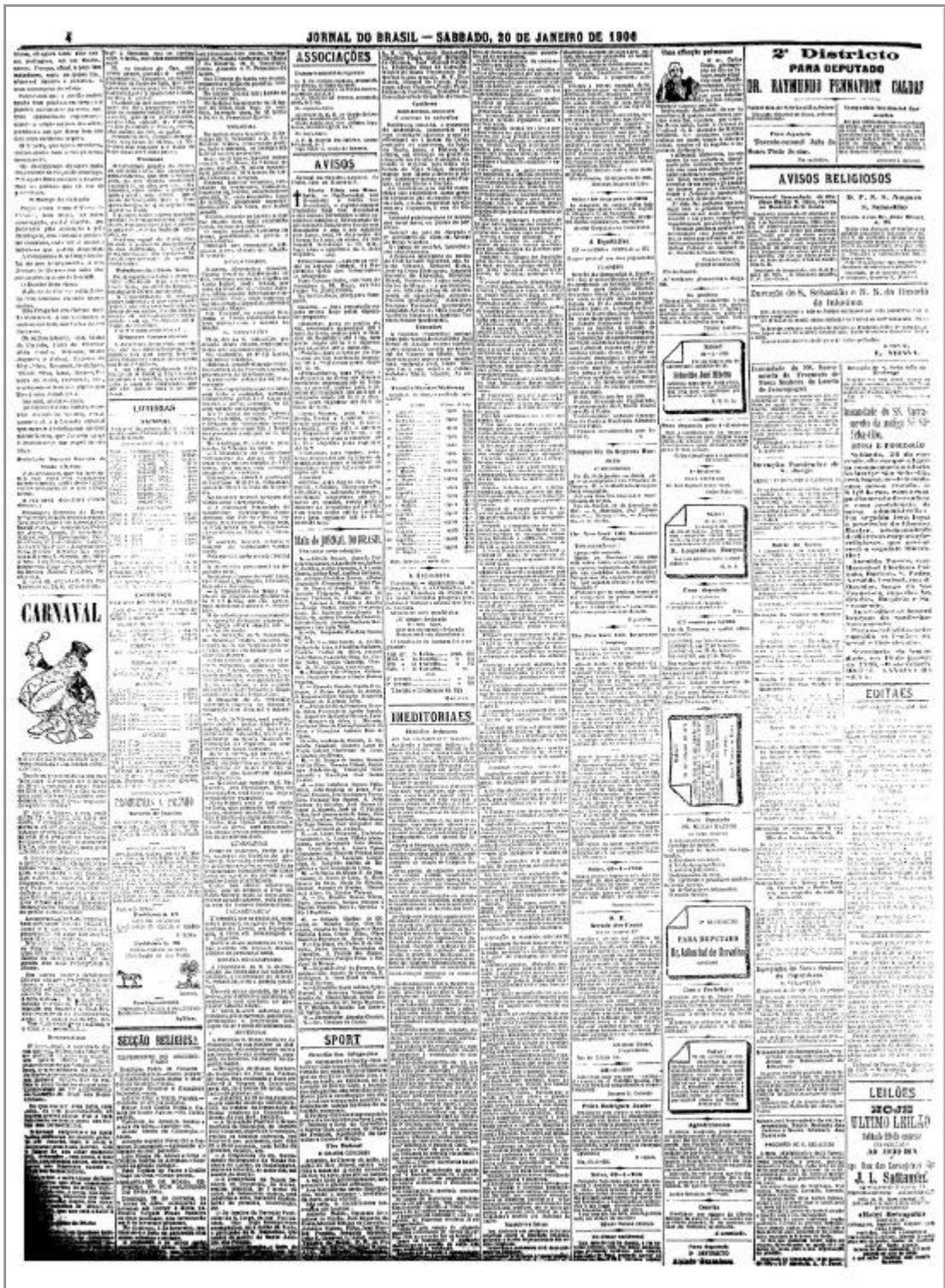


Figura 74 – Mudança gráfica em 1906. Páginas menos poluídas visualmente em relação ao ano anterior.

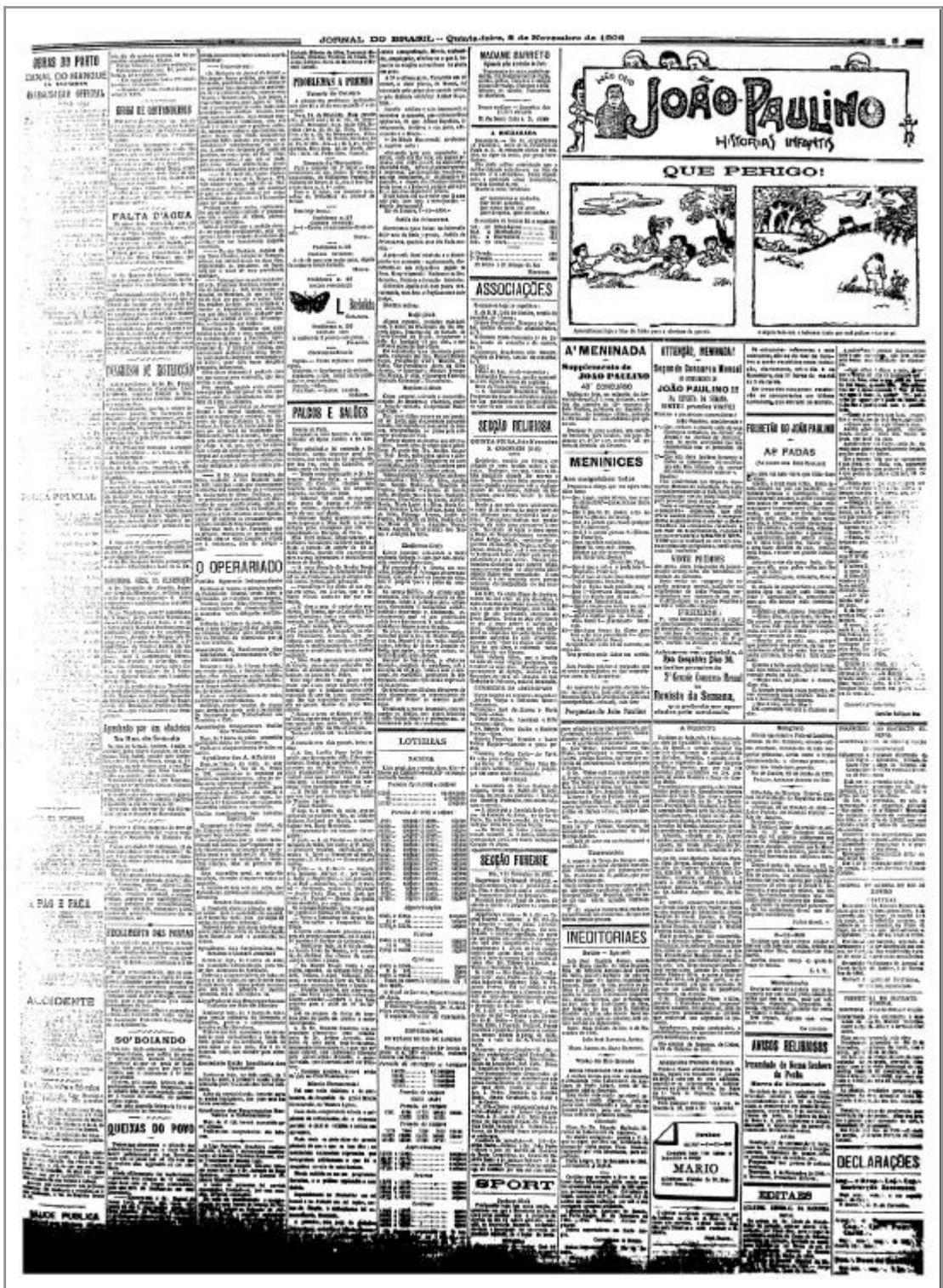


Figura 75 – Mudança gráfica em 1906. Cabeçalho do miolo mais discreto, títulos de seções fixas acompanhados de fios duplos. “João Paulino”: seção infantil que fez muito sucesso.

No restante da edição, a fotografia assumia maior importância a cada ano, já que era percebida como signo da modernidade que se anunciava e seu processo de produção foi sendo barateado.

Os títulos foram alvo de experimentações nas páginas do jornal, inclusive muitos deles foram especialmente desenhados para determinadas seções. O importante nesses casos era destacá-los no impresso e identificá-los com o público leitor. Quando não eram desenhados, se destacavam pelo uso de recursos tipográficos como o uso da caixa alta, negrito e corpo da fonte maior em relação ao texto, e, muitas vezes, eram acompanhados de fios ou vinhetas decoradas. Em 1915, as edições eram repletas de títulos apresentados junto a essas vinhetas, cada seção recebia uma decoração diferente. A composição dos traços das vinhetas dessa época foi influenciada pelo estilo *art nouveau*. O uso em excesso desse recurso tornou as páginas confusas visualmente, talvez por isso não tenha permanecido por muito tempo. Em 1917, os títulos passaram a ser acompanhados por fios, que por sua vez foram abolidos no ano seguinte.

Outra mudança visual importante ocorreu em 1920, quando o *Jornal do Brasil* mudou de direção e Assis Chateaubriand assumiu a redação. A maior modificação ocorreu no miolo da edição, ou seja, nas páginas internas, mais precisamente em relação aos títulos, que passaram a ter maior destaque e a ocupar com frequência duas ou três colunas. A partir desse momento, manchetes eram encontradas com maior frequência nas edições. Graficamente as páginas passaram a ser apresentadas de forma bem diferente em relação ao ano anterior. Uma peculiaridade nas edições desse período foi a seção “Diário Desportivo”, que recebia destaque na página e possuía título e sub-títulos desenhados (**figura 76**). Nesse período foram publicadas algumas experimentações interessantes, como a publicação de foto na capa para chamar atenção do leitor em ocasiões especiais. Em 16 de novembro de 1923, o tema da foto era o aniversário da República. Já nos dias 14 e 18 de dezembro deste mesmo ano, os assuntos abordados foram uma homenagem do ministro de guerra da França aos antigos combatentes da Grande Guerra e a vitória do time de futebol brasileiro sobre a Argentina em Buenos Aires, respectivamente. Com esses exemplos pode-se constatar a diversidade de



temas destacados pela fotografia, que em todas essas edições ocupou quatro colunas de largura e o topo da capa (**figuras 77 a 79**).

Era característica das páginas do *Jornal do Brasil* a apresentação de títulos sempre centralizados. A partir da década de 1920, quando os títulos ganharam maior destaque, tornou-se comum a publicação de subtítulos, que também se apresentavam centralizados em relação ao número de colunas de texto em que estavam sobrepostos. Assim, com a folga do espaço reservado aos títulos sempre centralizados, criaram-se, nas páginas do jornal, algumas áreas de branco, o que as deixou mais claras, visto que não era comum nessa época o uso planejado do espaço em branco (**figura 80**). Pequenas alterações gráficas ocorriam sempre: pode-se perceber o jornal diferente graficamente na década de 1930, quando os títulos ganharam maior destaque e passaram a ser compostos hierarquicamente, com os mais importantes ocupando a parte superior das páginas (**figura 81**). Foi nesta década que passou a ser publicada com destaque a seção sobre o cinema, ricamente ilustrada com fotografias. As ilustrações ainda faziam parte das edições, esporadicamente através das caricaturas e regularmente na seção infantil ilustrada “Cousas para crianças” e nos quadrinhos importados, publicados diariamente (**figuras 82 e 83**). Além disso, a visualidade das páginas foi alterada pelo início da inserção de anúncios publicitários em meio ao conteúdo editorial, visto que antes ocupavam as páginas junto aos classificados (**figura 84**). A partir do final da década de 1930 até os anos 1950, os títulos das seções não eram mais desenhados, mas apresentados todos em tipografia comum. As seções fixas podem ser identificadas graficamente, a partir de meados da década de 1940, pelo uso sistemático de caixa alta, negrito e tipografia sem serifa em seus títulos. A visualidade das páginas do jornal nesse período é composta pelo uso de fotografia nas edições, mas em pouca quantidade e sem muito destaque. A ilustração desaparece das edições, exceto nos anúncios publicitários.

Analisando as mudanças gráficas que ocorreram durante o período de recorte desta pesquisa, ficou claro que havia grande diferença no tratamento gráfico da capa e do miolo da edição. As capas dos jornais são o primeiro contato do público com o impresso, e, segundo Ferreira Júnior, a capa é a “expressão imagética que primeiro impacta o leitor” (Ferreira Júnior, 2003: 15). Por isso devem ser atrativas e organizadas de maneira que informe com rapidez e eficácia o que o periódico tem a oferecer.





Figura 78 – Destaque de fotografia em capa da década de 1920.



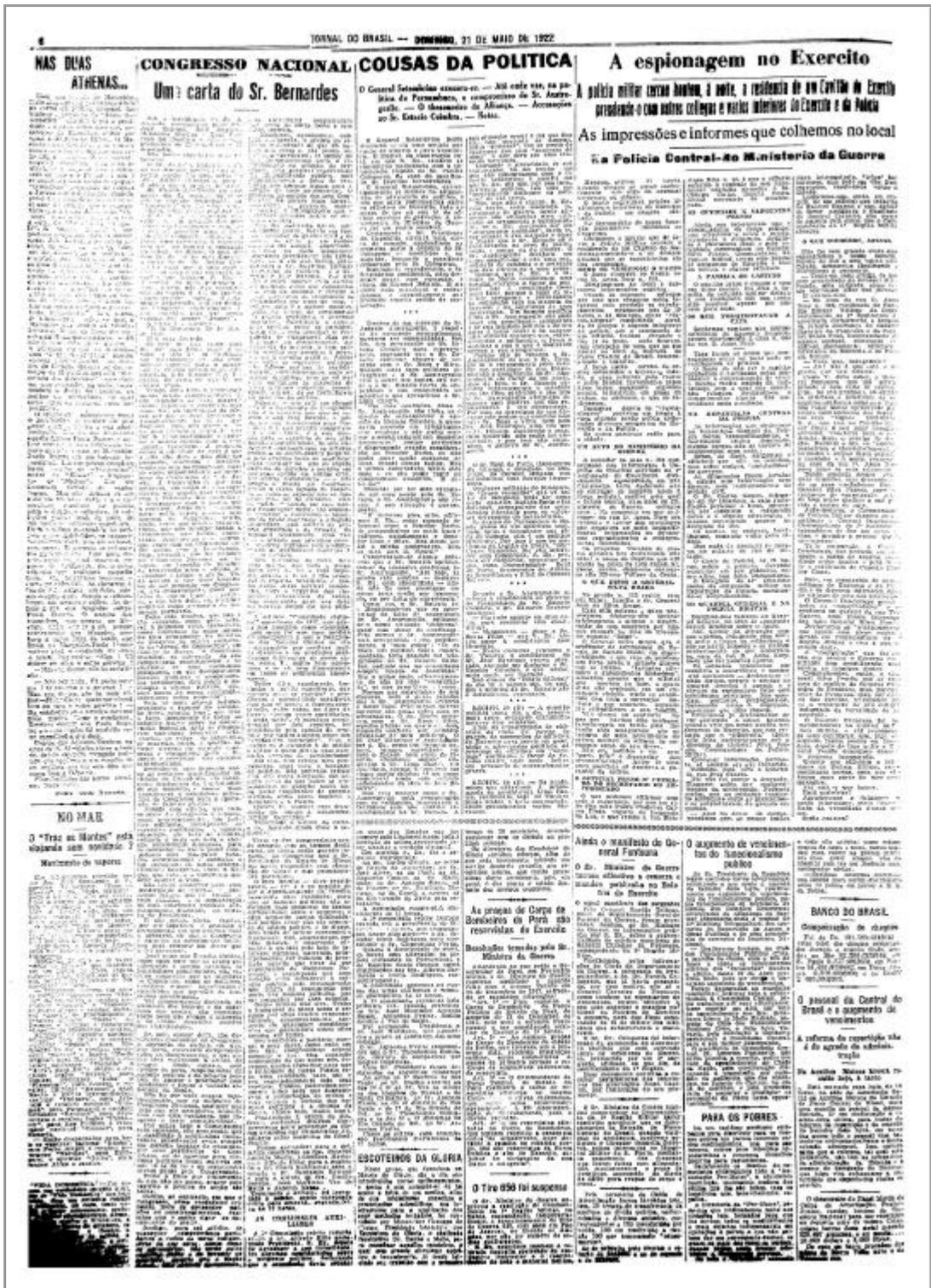


Figura 80 – Títulos ganharam maior destaque e tornou-se comum a publicação de subtítulos na década de 1920.







A princípio, no *Jornal do Brasil* a capa era repleta de matérias e não havia destaque de títulos; mesmo a área nobre da edição era composta homogeneamente. Quando o jornal começou a publicar imagens, estas só eram apresentadas na capa e lá continuaram, mesmo depois que os classificados passaram a compor a capa no início do século XX. Assim os elementos que fizeram parte da capa durante muitos anos foram o cabeçalho do jornal, os anúncios e a charge ou caricatura, que era um dos principais atrativos das edições, mantendo sua localização privilegiada durante todos os anos em que foi publicada. A partir de 1918, outro elemento passou a integrar a composição da capa – as chamadas de matérias. Deste modo, o leitor podia conferir previamente quais eram os principais assuntos abordados no dia, recurso válido para atender às necessidades do público e manter-se ante a concorrência nas bancas. Na década de 1920 as charges aparecem poucas vezes na capa e o quadro de chamadas ganha lugar cativo até a década de 1950. Ao longo dos anos, o que mudou foi a forma de apresentação das chamadas, aumentando o volume de informações no quadro, mas, apesar de o espaço dedicado às chamadas ter um tamanho maior, o corpo da letra diminuiu consideravelmente. Em 1940, o quadro de chamadas passou a ocupar o topo e centro da capa e era dividido em dois espaços sobrepostos: no retângulo superior, eram dispostas as manchetes do dia e no quadro menor, localizado imediatamente abaixo dos destaques, eram apresentadas as diversas notícias e seções da edição (**figuras 85 a 87**). Outro aspecto levantado foi a localização da ilustração e das chamadas na parte superior da capa, já que esta é a parte visível no local de venda que vai atrair o leitor.



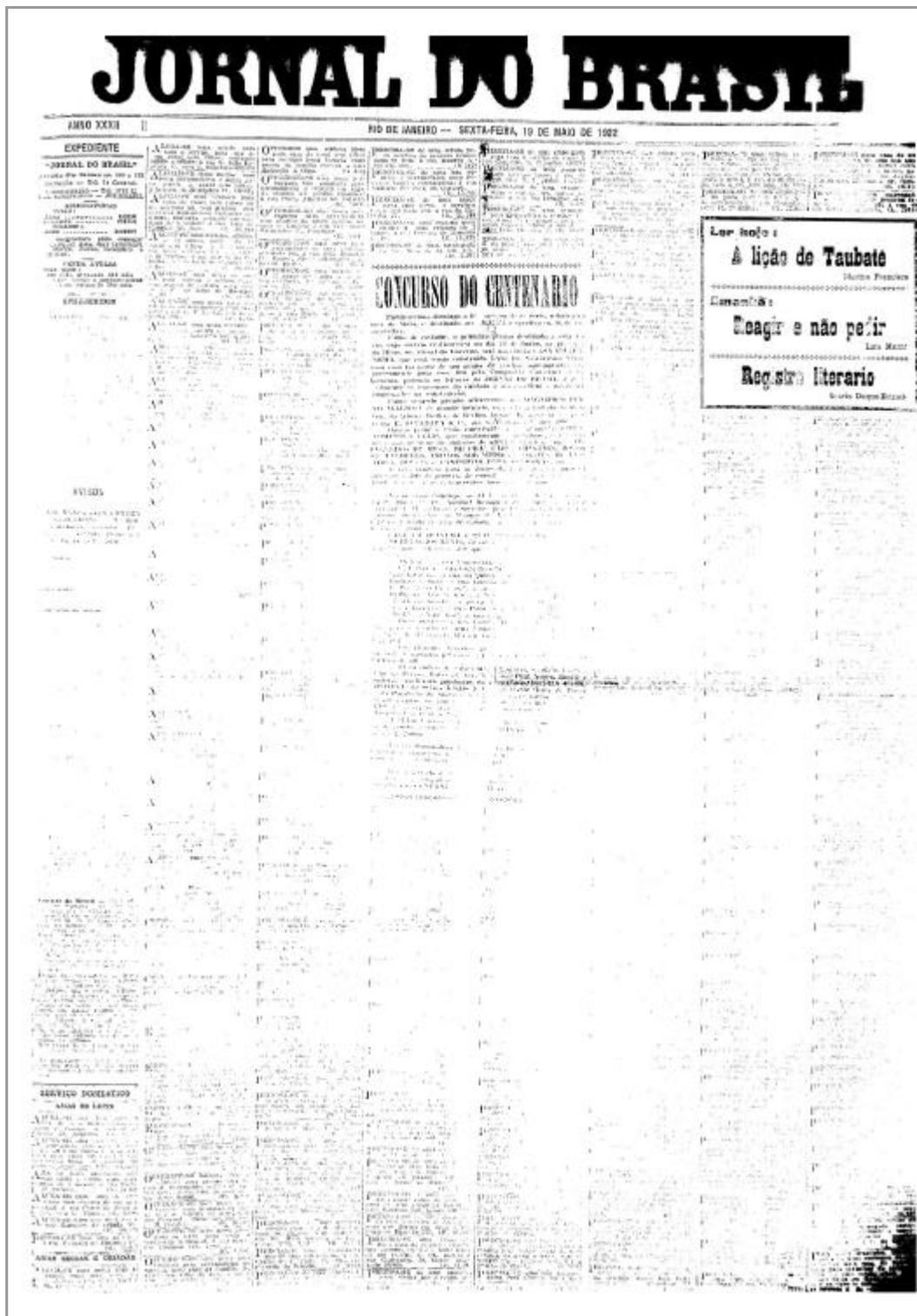


Figura 86 – O quadro de chamadas de matérias ganha lugar cativo nas capas da década de 1920.



Figura 87 – O quadro de chamadas da década de 1940 era dividido em duas partes: uma para anunciar as manchetes e outra para as diversas notícias e seções da edição.